

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**CLÉSIO ALVES DE OLIVEIRA**



**A BOLA NA MARCA DA CAL – O FUTEBOL AMADOR EM UBERLÂNDIA E A  
LUF - LIGA UBERLÂNDENSE DE FUTEBOL (1930 - 1945)**

**UBERLÂNDIA-MG**

**2020**

CLÉSIO ALVES DE OLIVEIRA

A BOLA NA MARCA DA CAL – O FUTEBOL AMADOR EM UBERLÂNDIA E A  
LUF - LIGA UBERLÂNDENSE DE FUTEBOL (1930 - 1945)

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História oferecido pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Orientador: Profº. Drº. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior.

UBERLÂNDIA –MG

2020

A BOLA NA MARCA DA CAL – O FUTEBOL AMADOR EM UBERLÂNDIA E A  
LUF - LIGA UBERLÂNDENSE DE FUTEBOL (1930 - 1945)

Monografia aprovada como exigência parcial  
para a obtenção do título de Bacharel e  
Licenciado em História oferecido pela  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU,  
com banca examinadora formada por:

Uberlândia, 17 de Dezembro de 2020.

---

Orientador: Prof.º Dr.º Florivaldo Paulo Ribeiro Junior – INHIS/UFU-MG

---

Banca Examinadora: Prof.ª Dr.ª Jorgetânia da Silva Ferreira - INHIS/UFU-MG

---

Banca Examinadora: Prof.º Dr.º Luiz Carlos do Carmo – INHCS/UFU – Catalão - GO

*Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, a minha família, meus filhos, amigos, professores, ao meu pai, que em vida orou para que esse momento acontecesse e a todos que acreditaram que um dia eu chegaria até aqui.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que me fortalece em todos os momentos e que me deu forças quando eu não a tinha mais. Toda a honra, toda a glória e todo o louvor sejam dados a Deus.

Aos meus pais, pelo amor imensurável que recebi em toda minha vida e que sonharam esse momento juntamente a mim. Ao meu pai, que infelizmente nos deixou e não pôde conferir esse momento. Sei que onde ele estiver, estará em regozijo por essa vitória. Perdoe-me mãe pelas ausências enquanto estive realizando esse trabalho.

Agradeço aos meus irmãos, por momentos de ímpares, onde sonhamos, choramos, rimos e acreditamos que esse momento seria possível. Também aos grandes amigos que me apoiaram e acreditaram em mim em todos os momentos. Valeu Vitão, valeu Taciano, vocês são *brothers* de verdade. Valeu pela paciência e força.

Agradeço aos meus filhos que torceram tanto para chegar a esse momento. Samuel Oliveira e Isabel Oliveira, vocês são o meu maior tesouro. Amo muito vocês.

Agradeço a minha esposa, Regina Carvalho pela força, pelas broncas e pelo incentivo. Valeu por confiar que tudo isso era possível e por sonhar meus sonhos sempre.

Agradeço a todos os amigos da 41ª turma de História - matutino, por que fomos fantásticos e chegamos até aqui. Cirão, Bruno Biaso, Renatinha, Talles, Marco Túlio, Lucas, Isabelle, Elvis, Arthur, Viviane e um abraço especial a Maria Cristina de Oliveira Alves, pelo tempo que estivemos lutando para graduar. Tivemos momentos de risos, de alegria, de dor e de ira, mas podemos mas vencemos e ultrapassamos muitas barreiras. Valeu de mais por estar sempre junto.

Agradeço aos professores do Instituto de História – INHIS/UFU, pelas aulas ministradas, pela dedicação, pelo amor à docência e pelo amor à pesquisa. Um abraço especial aos professores Paulo Almeida, André Voigt, Ana Paula Spini, Mara Regina, Maria Andréa, Marcelo Lapuente, Deivy Carneiro, Newton D'angelo, Jorgetânia Ferreira, Maria Elizabeth, Cléber Vinícius, Gilberto César, Jacy Seixas, Carla Miucci, Guilherme Amaral, Dilma Andrade e também aos professores de outros centros acadêmicos, que me presentearam com

muito conhecimento. Entre eles, dedico um forte abraço aos professores: Marcel Mano – INCIS/UFU, Gianni Fresu – IFILO/UFU, Ruben de Oliveira – IP/UFU e um grande abraço ao professor Haroldo de Resende – FACED/UFU. Mas o abraço mais especial vai para o meu orientador, Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior, que me auxiliou e dedicou seu tempo para trocarmos ideias sobre o tema. Obrigado, professor.

Agradeço aos técnicos administrativos do INHIS/UFU, Malu, Josi e Velso, obrigado pela ajuda de vocês e um abraço forte e um agradecimento muito especial a Cristina Martins Cunha, quem me auxiliou em tantos e tantos momentos. Cris, desculpe por todos os incômodos.

Finalizando, agradeço demais ao Paulo e todos do Arquivo Público de Uberlândia - ArPU, que tiveram paciência para comigo enquanto realizava essa pesquisa. Valeu gente!

Mais uma vez louvo a Deus por seus grandes feitos em minha vida.

## RESUMO

O futebol é sem dúvida uma atividade associada a nossa brasilidade. Chegou timidamente com europeus que vinham ao Brasil a trabalho ou com brasileiros que iam à Europa para estudar. Ao retornarem, esses brasileiros traziam uma bola e alguns uniformes. Aos poucos foram tomando conta de colégios e fábricas; campos eram abertos em terrenos desocupados e logo a prática do futebol despertou a atenção. O presente trabalho visa apresentar o desenvolvimento do chamado esporte bretão na cidade de Uberlândia-MG, observando detalhes do surgimento do jogo de bola até algumas equipes tradicionais se consolidarem nos anos 30 a 40 do século XX. Analisando os jornais A Tribuna, O Estado de Goyaz e o Correio de Uberlândia, além de imagens e escritos de memorialistas, podemos acompanhar como foi o desenvolvimento deste esporte na cidade, os principais personagens e suas rursgas no campo social e político. Por fim acompanhamos a criação da Liga Uberlândense de Futebol, verificando os desafios iniciais e como foi relevante o papel político em sua criação.

Palavras-Chaves: Futebol, Esporte, Liga Uberlândense de Futebol, Uberlândia.

## ABSTRACT

Football is undoubtedly an activity associated with our Brazilianness. He arrived timidly with Europeans who came to Brazil for work or with Brazilians who went to Europe to study. When they returned, these Brazilians brought a ball and some uniforms. Gradually it was taking over colleges and factories, fields were opened on vacant lots and soon it was drawing attention. The present work aims to present the development of the so-called Breton sport in the city of Uberlândia-MG, observing details of the emergence of the ball game until some traditional teams were consolidated in the 30s and 40s of the 20th century. Analyzing the newspapers A Tribuna, O Estado de Goyaz and Correio de Uberlândia, in addition to images and writings by memorialists, we can follow how the development of this sport in the city was, the main characters and their swoops in the social and political field. Finally, we followed the creation of the Uberlandia Football League, verifying the initial challenges and how the political role in its creation was relevant.

Keywords: Football, Sport, Uberlandia Football League, Uberlândia.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem de Capa: Equipe Sal Tropeiro Futebol Clube – Década de 40.

Imagem 1 - Primeira Equipe do Germânia em 1989.....	12
Imagem 2 - Equipe do <i>Sport Club Foot Ball</i> . 1904.....	14
Imagem 3 - Uberlândia - Década de 30.....	17
Imagem 4 - Uberlândia - Avenida Floriano Peixoto - Década de 40.....	19
Imagem 5 - Construção da Arquibancada do Estádio da Vila Operária - 1935..	20
Imagem 6 – Loteria para angariar fundos para iluminação do Estádio Juca Ribeiro - 1942....	21
Imagem 7 - Lançamento da pedra fundamental do Estádio do Sal Tropeiro Futebol Clube..	22
Imagem 8 - Equipe do Sal Tropeiro F.C. e sua Madrinha – 1944.....	29
Imagem 9 - Visita do Jabaquara Atlético Clube – 1944.....	35
Imagem 10 - Estádio Juca Ribeiro em dia de jogo - Década de 40.....	37
Imagem 12 - Ficha de Inscrição de atleta - LUFA – 1939.....	44
Imagem 13 - Homenagem às equipes participantes do Campeonato de 1944.....	59
Imagem 14 - Cédula para escolha do atleta mais disciplinado - 1945 .....	64



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Primeiros Dribles: Uberabinha, seus <i>Teams and Fields</i> .....	17
2. CAPÍTULO 2 - TOQUE DE PRIMEIRA: UBERLÂNDIA CONSOLIDA O FUTEBOL.	25
2.1. Os torcedores, viagens e rivalidades.....	32
2.2 O <i>Derby</i> : Uberlândia E.C. x Uberaba S.C. de 1931.....	39
3. CAPÍTULO 3 - EM DIREÇÃO AO GOL: A LIGA UBERLANDENSE DE FUTEBOL AMADOR (LUFA) DE 1939.....	42
4. CAPÍTULO 4 - SEGUE O JOGO: A LIGA UBERLANDENSE DE FUTEBOL (LUF)..	47
5. CAPÍTULO 5 - A BOLA NA MARCA DA CAL: TENSÕES NA LIGA UBERLANDENSE DE FUTEBOL (LUF).....	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	66
7. FONTES .....	68
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	69

## 1. INTRODUÇÃO

Do turbilhão de acontecimentos do final do século XIX no Brasil, destaco três que impactaram grandemente a história brasileira e dali para frente, mudaria o destino do país. São eles: abolição dos que foram escravizados, a República instituída e a chegada de um novo esporte - o futebol. Os dois primeiros tiveram destaque especial em todos os jornais da época e por um longo tempo houve momentos aclamados. Já o terceiro ponto que citamos, não houve tamanho impacto e seu desenvolvimento se deu de maneira gradativa. Teve aceitação imediata, no entanto, pertencia às classes privilegiadas, que souberam muito bem aproveitar o “jogo de bola” ou o *football* - jogo dos *onze*.

O termo *Futebol* foi adaptado do termo britânico *Football*, como era chamado em sua chegada. Essa adaptação tende para o “*abrasileiramento*” do termo - influenciado pelo forte nacionalismo emergente na época e pelo início do modernismo – em relação ao “*aportuguesamento*” dos termos estrangeiros, conduta qual tende ao conservadorismo linguístico. Além do “*abrasileiramento*” do termo, também a forma de jogar esse esporte destacou peculiaridades. Usamos aqui intencionalmente o termo “*abrasileirar*” e não “*aportuguesar*”, devido a importância que é dada pelos brasileiros ao esporte e sua vasta gama de significações; a palavra - FUTEBOL – tem para os brasileiros um enorme peso e encanto e/ou as duas coisas juntas. No Brasil, o futebol é apreciado de maneira generalizada, tendo até grupos de pessoas que não gostam do esporte e não o acompanha, mas sente enorme orgulho em tempos de eventos mundiais como a Copa do Mundo ver a Seleção Brasileira – apelidada carinhosamente de “Seleção Canarinho” – entrar em campo e foi assim desde que as transmissões dos jogos começaram a ser feitas no rádio.

Por isso, podemos falar que o futebol se “*abrasileirava*”. Eduardo Galeano reitera dizendo que com os brasileiros “[...] o futebol se tropicalizava [...] e assim nascia o futebol mais bonito do mundo, feito de jogo de cintura, ondulações de corpo e voos de pernas que vinham da capoeira, dança guerreira dos escravos negros, e dos bailes alegres dos arredores das grandes cidades”<sup>1</sup>.

Hoje, o futebol é usado para muitos fins, não é somente um esporte, mas é um objeto multifacetado, que pode ser usado para dar identidade ao povo brasileiro, mas também pode

---

<sup>1</sup> GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Tradução: Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: LP&M, 2015. 256p.

ser usado com interesses políticos, os quais foram muito bem utilizados pelos ditadores brasileiros em períodos ditatoriais. Pode também ser usado para um interesse social e nos dias atuais, mais que nunca, para interesses econômicos do grande capital e seus vorazes capitalistas.

O fenômeno futebol promoveu novos adjetivos e novos sinônimos às palavras. O futebol no Brasil criou uma linguagem própria e essa área é digna de várias pesquisas e de muitas análises, pois geralmente fazemos uso de um significado conotativo das palavras para dar significado aos lances e ao jogo. Termos como “frangueiro, perna de pau, pereba, cartola, balão, xerife entre outros, foram ressignificados para se adaptar a linguagem do Futebol.<sup>2</sup>

A princípio, na virada do século XIX para o XX, ainda eram usados os termos em inglês para se referir a lances, posições táticas ou funções de jogadores. O *back*, o *goalkeeper*, o *dribble*, o *penalty*, o *captain*, o *forward*, o *corner*, o *player*, o *stadium*, o *score*, o *off-side* – todos esses termos foram usados e adaptados para a nossa linguagem e são usados até hoje para denominar o zagueiro, o goleiro, o drible, a penalidade, o capitão da equipe, o atacante, o escanteio, o jogador e o estádio, o placar, o impedimento – todos termos apropriado do inglês, que a medida que fomos nos envolvendo com esse esporte, também fomos importando e adaptando algumas palavras para a nossa linguagem. Disse Eduardo Galeano que com “[...] os navios traziam também os manuais, e com eles as palavras que chegavam a estas longínquas costas sul-americanas para ficar aqui por muitos anos [...]”<sup>3</sup>. É provável que com a chegada do futebol a língua portuguesa tenha potencializado os anglicismos.

No início do século XX, em especial nas duas primeiras décadas, houve o grande crescimento dos clubes de futebol no Brasil. Empresas, fábricas, escolas, clubes, tinham uma ou mais equipes. Podemos notar que o maior exemplo é o *The Bangu Athletic Club*, do Rio de Janeiro. Ele foi um dos primeiros clubes de fábrica no país. Foi fundado no ano de 1904 por ingleses que eram funcionários da Cia. Progresso Industrial, mais conhecida como Fábrica Bangu<sup>4</sup>. Logo, não ingleses começaram a complementar o quadro dos *onze* da fábrica e a participar de jogos contra outras equipes locais. Não foi somente o *The Bangu* que nesse período iniciou a relação trabalho e futebol. Antunes relata que:

---

<sup>2</sup> CAPINUSSÚ, José Maurício. *A linguagem do futebol*. São Paulo: IBRASA, 1988. 136p.

<sup>3</sup> GALEANO, 2015, p.37.

<sup>4</sup> ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *O Futebol nas Fábricas*. In: Revista USP: *Dossiê Futebol*, n.22, p.102 – 109. São Paulo. Ago/1994.

Muitos outros surgiram de forma espontânea e isolada, como o Votorantim Athletic Club, fundado em 1902, também por iniciativa de engenheiros e técnicos ingleses da Fábrica de Tecidos Votorantim, na região de Sorocaba, interior de São Paulo. Também a Regoli e Cia. Ltda, do bairro da Mooca, em São Paulo, tinha o seu clube de futebol. Em 1909, por ocasião da compra dessa tecelagem por Rodolfo Crespi, o grêmio passou a chamar-se Crespi F.C.. Anos mais tarde, já rebatizado Clube Atlético Juventus, o time ficaria mais famoso que a fábrica, a exemplo que ocorreu com o Bangu, e até certo ponto, com o Juventus da Itália - que lhe inspirou o nome - ,nascido como clube dos trabalhadores da fábrica de automóveis Fiat.<sup>5</sup>

Não é objetivo nosso nos deter nas relações trabalho *versus* lazer, ou como foi à relação patronal e operariado nesse período. Nesse momento, apenas destacamos a relevância do movimento operário para a relação com os primórdios do futebol.



**Imagem 1 - Primeira Equipe do Germânia em 1889. Fonte: Acervo do Arquivo Centro Pró-Memória Hans Nobiling.**

O futebol praticado no primeiro século teve entre os primeiros praticantes os europeus e seus descendentes que aqui estavam. Exemplo disso são os clubes: Associação Atlética Mackenzie College, o São Paulo Athletic Club, de Charles Miller<sup>6</sup>, o Sport Club Germânia, o

---

<sup>5</sup> ANTUNES, 1994, p.105.

<sup>6</sup> José Moraes dos Santos Neto destaca a importância de Charles Miller para o futebol paulista e também para o futebol brasileiro no sentido mais amplo, no que diz respeito ao trabalho desenvolvido nos clubes retirando o

*Sport Club* Internacional e o Clube Atlético Paulistano, ambos da capital paulista. No Rio de Janeiro alguns clubes elitistas se destacaram como o Paissandu *Cricket Club*, Rio *Cricket and Athletic Association*, da cidade de Niterói, o Fluminense *Football Club*, do *Sportman* Oscar Cox<sup>7</sup> e o Botafogo *Football Club*, que curiosamente antes de chamar Botafogo, se chamava *Electro Club*. O Paissandu *Cricket* havia estrangeiros e brasileiros em seu plantel, já o Rio *Cricket*, somente ingleses. O Fluminense e o Botafogo já contavam com a maioria de seus jogadores brasileiros, mas todos eram da elite carioca e de pele clara. Somente anos depois que Fluminense e Botafogo permitiram que pessoas de classes sociais menos favorecidas entrassem em seus planteis, mas todos deveriam ser brancos<sup>8</sup>.

Já o futebol mineiro, na moderna nova capital e sua vasta gama de novidades, se apresenta em crescente, juntamente com a cidade. Inaugurada em 12 de Dezembro de 1897, Belo Horizonte, a sede planejada do Estado de Minas Gerais, logo se vê repleta de estrangeiros, que no segundo recenseamento de 31 de Dezembro de 1911, contabilizou 2963 italianos, 334 espanhóis, 325 portugueses, 208 turcos e tantos outros de várias nacionalidades entre eles alemães, ingleses, japoneses, sírios, norte – americanos etc<sup>9</sup>. Foi por iniciativa de um jovem carioca, chamado Victor Serpa, que retornou da Suíça e foi à Belo Horizonte para estudar, que o futebol deslanchou na capital mineira<sup>10</sup>. Victor foi um dos fundadores do *Sport Club Football*, um clube que reunia pessoas da alta sociedade da nova capital mineira e que chamou muita atenção naquele momento. A imprensa local destacou a iniciativa de Serpa e seus companheiros futebolistas com o seguinte texto:

SPORT-CLUB-FOOT-BALL – Fundado nesta capital no dia 10 do corrente pelos srs. Oscar Americano, presidente; José Gonçalves, tesoureiro; Avelino Souza, secretario; Victor Serpa, capitão e outros. Annuncia a directoria dessa útil diversão que, nos dias 14 e 17 do corrente, haverá exercicios praticos no campo.<sup>11</sup>

---

futebol dos colégios e levando-o aos clubes. No entanto, Santos Neto adota a posição que Miller não é “o responsável pela introdução esporte no país e nem por sua popularização”, segundo a sua análise “algo assim jamais ocorre exclusivamente por iniciativas individuais”.

SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do Jogo - Primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 120p.

<sup>7</sup> Oscar Cox fundou o Fluminense em 21/07/1902. Foi também jogador e responsável por trazer os primeiros materiais esportivos direto da Inglaterra. É considerado o pai do futebol no Rio de Janeiro e umas das principais figuras pioneiras do futebol brasileiro. Ver <<https://www.fluminense.com.br/sobre/a-historia>>. Último acesso em 07/04/2020.

<sup>8</sup> MÁRIO FILHO. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, 5ª ed. 2010. 344p.

<sup>9</sup> <https://sumidoiro.wordpress.com/2015/12/>. Último acesso em 07/04/2020.

<sup>10</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/História\\_do\\_futebol\\_de\\_Minas\\_Gerais](https://pt.wikipedia.org/wiki/História_do_futebol_de_Minas_Gerais). Último acesso em 07/04/2020.

<sup>11</sup> MINAS GERAES, 03-04/10/1904, p. 6 apud MAYOR & SOUZA NETO, 2014. p.54.

Serpa foi um *Sportman*, talvez na altura de como fora Charles Miller, na capital paulista e Oscar Cox, na então capital federal, o Rio de Janeiro. Serpa era literalmente o dono da bola. Na descrição da época exibida pelo jornal, já exemplifica um pouco daquilo que era Serpa: *sportman*, capitão do time e outras funções fora de campo. Infelizmente o jovem Victor Serpa teve sua vida encerrada precocemente. Serpa foi vítima de gripe no Rio de Janeiro e faleceu no dia 19 de Janeiro de 1905, o que silenciou a imprensa local belorizontina e que deixaram de luto os futebolistas da capital mineira<sup>12</sup>.



**Imagem 2 - Equipe do *Sport Club Foot Ball*. Victor Serpa está sentado com a bola a sua frente. Fonte: Acervo do Arquivo Público Mineiro – APM.**

Mas o futebol de Minas Gerais no início do século XX tem um caso semelhante ao da fundação do *The Bangu* do Rio de Janeiro, cujos ingleses que trabalhavam na mina *Saint John Del Rey Mining Company Limited*, reuniram-se em torno de uma bola aos finais de semana e fundaram na cidade de Villa Nova de Lima, hoje a atual Nova Lima, o clube Villa Nova

---

<sup>12</sup> KANITZ, Roberto Camargo Malcher. *O Futebol como distintivo de classe: O caso de Vitor Serpa em Belo Horizonte e outras indagações*. Arquivos em Movimento. Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.39-53, Jul\Dez 2018.

*Athletic Club*.<sup>13</sup> O *Villa Nova Athletic Club* logo foi incorporado ao futebol da cidade de Belo Horizonte, participando de torneios juntamente com equipes da nova capital mineira. O clube operário de Nova Lima também se orgulha de ter ido a campo antes de equipes como o Clube Atlético Mineiro e o Palestra Itália, hoje o atual Cruzeiro Esporte Clube. Já o *Sport Club Foot Ball*, fundado pelo jovem Victor Serpa, teve fim em 1909, quando perdeu três partidas consecutivas para o Clube Atlético Mineiro<sup>14</sup>.

Ao fim da primeira década do século XX, até mesmo cidades com baixa densidade demográfica tinham o jogo de bola, brincadeira de bola ou até mesmo uma equipe formada, geralmente, representando a cidade ou uma empresa. O futebol se consolidara mesmo em centros urbanos de alta densidade demográfica no país e nas capitais. As grandes agremiações já se destacavam no cenário estadual. Como vimos acima, o futebol nas capitais do sudeste era um grande atrativo, servindo para a classe média principalmente de encontro social e diversão. Já para a classe operária o futebol foi importante para o lazer e descanso do trabalhador, e com seu crescimento, já levava pessoas a torcerem por suas equipes cidadinas, seus clubes e suas cores prediletas.

O mágico esporte oriundo da Bretanha mudou a maneira de falar com seus novos termos mas também resignificou o nosso modo de ver as cores. Criou-se, desde a chegada dos jogos de uniformes, uma forma de identificação através das cores. Apareceram os alvirrubros, os colorados, os tricolores, os rubro-negros, os alvinegros, os celestes e os grenás. À medida que os clubes iam sendo fundados e iniciando suas atividades, logo, os torcedores se identificavam com suas equipes através do sistema de cores que essas equipes levavam. As cores, os símbolos, os escudos e seus hinos são símbolos máximos das entidades esportivas, inclusive, não podem ser alterados deliberadamente, se faz necessária a consulta de todos os conselheiros, diretores e executivos do clube para votarem mudanças estatutárias para qualquer medida que altere os sistemas de cores, símbolos, escudos ou hinos da entidade.

Um caso curioso é Santos Futebol Clube, da cidade de Santos - SP, que nasce tricolor, e depois de onze meses após sua fundação muda as cores de seu uniforme para preto e branco. Essa mudança não acontece por acaso, mas nasce de uma nova resignificação ou adaptação do clube dentro de necessidades administrativas e locais. Aparentemente é algo inimaginável,

---

<sup>13</sup> <https://www.futbox.com/villa-nova#!info> Último acesso em 23/04/2020.

<sup>14</sup> <https://www.atletico.com.br/paginas/historia#fundation> Último acesso em 23/04/2020.

mas o “Alvinegro Praiano” como é conhecido, já foi tricolor<sup>15</sup>. Outro exemplo de mudança radical foi a necessidade de clubes ligados a colônia italiana, como era o Palestra Itália, da cidade de São Paulo, hoje o atual Sociedade Esportiva Palmeiras e o Palestra Itália, que já citamos, da cidade de Belo Horizonte, que modificaram seus sistemas de cores e a suas nomenclaturas por motivos de Brasil e Itália estarem em lados opostos na Segunda Guerra Mundial. Hoje o clube paulistano defende suas cores alvi verde e o clube belorizontino usa as cores alvi celeste com o símbolo do Cruzeiro do Sul na camisa. O futebol nesse período crescia e se popularizava espantosamente e bastava apenas uma simples bola de meia e começava a partida.

Com o presente trabalho visamos apresentar como o esporte bretão se desenvolveu na cidade de Uberlândia, localizada no Estado de Minas Gerais. Fazendo uso de jornais locais, onde destacamos, O Estado de Goyaz, o Correio de Uberlândia e A Tribuna, assim também como o uso de fotografias, observaremos o trabalho da imprensa local sobre esse esporte, do surgimento do jogo de bola até algumas equipes tradicionais se consolidarem nos anos 30 a 40 do século XX. Além dos jornais e das imagens, nos debruçamos também no trabalho de alguns memorialistas locais, observando os relatos da cidade, da sociedade e do futebol. Analisamos através das fontes citadas como se deu a fundação da Liga Uberlandense de Futebol e os encontros e desencontros de sua fundação.

No tópico à frente abordaremos de maneira introdutória o surgimento das primeiras equipes, os primeiros campos e suas localizações e personagens importantes dentro desse cenário.

No segundo capítulo apresentamos os primeiros registros de futebol na cidade, ainda na década de 10, dialogando com o trabalho do jornalista Mário Filho, que apresentou o surgimento do futebol no Rio de Janeiro e os professores José Moraes dos Santos Neto e Livia Gonçalves Magalhães, que trabalham o surgimento do futebol na cidade de São Paulo. Com esse diálogo encontramos alguns pontos de convergência entre o surgimento do futebol no Rio de Janeiro e São Paulo com São Pedro do Uberabinha. Outro ponto destacado nesse capítulo são os torcedores e rivalidades, apontando as viagens clubísticas entre as cidades da região e estados vizinhos.

---

<sup>15</sup> MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Histórias do Futebol*. Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010. 192p.



Os três últimos capítulos são destinados a Liga Uberlandense de Futebol (LUF). Destacamos desde a criação da Liga Uberlandense de Futebol Amador (LUFA), uma introdução do que seria a LUF, as equipes, as figuras proeminentes e os destaques, até os embates para a criação da LUF, sua conexão com a Federação Mineira de Futebol e o surgimento de equipes locais. Finalizando, observamos que a instalação dessa Liga local coincide com as políticas de Estado para disciplina corporal, e também, com a exigência de disciplina cívica através do esporte, em especial, o futebol. A abordagem desse tema nos conduz a uma observação de como os poderes políticos locais também tramitavam nos ambientes esportivos.

### **1.1 Primeiros Dribles: Uberabinha, seus *Teams and Fields*.**

Em Uberlândia ainda São Pedro do Uberabinha, a partir de meados da década de 10 do século XX, vão aparecendo as primeiras equipes. Algumas com tempo curtíssimo de vida, outras com um pouco mais. Assim como aconteceu em vários pontos do país, a próxima década, ou seja, a década de 20, Uberabinha já apresentaria um futebol consolidado como atividade esportiva, assim, como por exemplo, Uberaba e Araguari.



**Imagem 3 - No campo superior esquerdo da imagem, vemos ao fundo, o Campo da Misericórdia. Fonte: Histórias de Uberlândia.**

Uberabinha sempre teve um plano político ousado, desde o período de seus pais fundadores, os quais sempre intencionaram formar uma cidade para ter ar de capital e fazer

dela cidade-progresso do Triângulo Mineiro.<sup>16</sup> Logo se rompeu cerrado acima, indo da cidade velha, fundada onde hoje é o Bairro Fundinho, rumo à nova cidade, que crescia adiante para criar avenidas largas e extensas como a Avenida Floriano Peixoto, Avenida Afonso Pena e Avenida João Pinheiro e formatar uma nova região central. A Avenida Afonso Pena era a via do comércio, das vendas, das botiques e dos cafés. Falava-se de futebol por ali. Havia a equipe representante da cidade, o Uberabinha *Sport Club*, ou *Sport Club* Uberabinha, que no Campo Dr. Duarte, mais conhecido também como Campo da Misericórdia, realizava seus jogos. No Campo da Misericórdia ele desfilava o seu futebol contra adversários locais e contra adversários regionais<sup>17</sup>. O Campo da Misericórdia foi um dos primeiros “templos” do futebol na cidade.

Além do Campo da Misericórdia ver a bola rolar, outros locais também foram contemplados para receber os primeiros futebolistas da cidade, como a Praça da República, atual Praça Tubal Vilela, que segundo Odival Ferreira, houve uma convocação para um “[...] *match – training* do *Sport Club* R. da Cunha, para escolha do primeiro time [...]”<sup>18</sup>, isso antes da existência do Campo da Misericórdia. Curiosamente Odival relata até um jogo de bola no cemitério!<sup>19</sup> Mas em 1922 foi construído um campo no Bairro Fundinho, que era o Campo da Associação Esportiva Uberabinha, localizado na Avenida Paranaíba, onde hoje há um dos grandes e movimentados cruzamentos da cidade, a Avenida Afrânio Rodrigues da Cunha e a Rua XV de Novembro, divisa entre o Bairro Fundinho e o Bairro Tabajaras<sup>20</sup>. Nenhuma dessas praças esportivas é tão emblemática quanto o Estádio Juca Ribeiro. Para chegarmos à história da construção do Estádio Juca Ribeiro, local esse que se entrelaçou com a história do Uberlândia Esporte Clube, devemos compreender um detalhe sobre figuras hegemônicas da política local. A elite política local era dividida entre o Partido Republicano Mineiro e o Partido Republicano Municipal. O embate político aconteceu por que

os membros do Cocão quiseram que sua banda tocasse, mesmo que fosse a vez dos Coiós. Diante do pacto quebrado, os Coiós, liderados por Agenor Bino e Gil Alves dos Santos, se reuniram na Vila Operária para fundar o Uberabinha Sport Club. Gil

---

<sup>16</sup> DANTAS, Sandra Mara. *De Uberabinha a Uberlândia: Os matizes de um projeto de construção da Cidade Jardim (1900-1950)*. In: BRITO, Diogo de Souza; WARPECHOWSKI, Eduardo Moraes. *Uberlândia Revisitada: Memória, Cultura e Sociedade*. Uberlândia: EDUFU, 2008. 472p

<sup>17</sup> Odival Ferreira fala de dois nomes possíveis para o Uberabinha que foi apresentado de formas com nomes distintos pelo periódico A Notícia, de Uberaba, antes e depois do jogo contra o Palestra Itália de Uberaba, que dias antes da partida foi chamado de Uberaba Sporte Clube.

FERREIRA, Odival. *Uberlândia Esporte Clube: A história e seus personagens*. Uberlândia: Assis Editora, 2015. 384p.

<sup>18</sup> Ibidem. p.17.

<sup>19</sup> Ibidem. p.19.

<sup>20</sup> Ibidem. p.25.

Alves doaria o terreno para construir o Estádio da equipe, que receberia o nome de Juca Ribeiro, e seria construído em 1933.<sup>21</sup>

Antes de se chamar Estádio Juca Ribeiro e de ser o principal estádio da cidade por uma longa data, ele foi chamado de o Campo da Vila Operária, fazendo alusão ao local de moradia dos operários da fábrica de tecidos de Armante Carneiro<sup>22</sup> e da Ferrovia Mogiana.

A estação da Mogiana ficava onde hoje é localizado o Terminal Central de ônibus coletivo de Uberlândia. A Vila Operária atualmente é o conhecido Bairro Nossa Senhora Aparecida, ou simplesmente Bairro Aparecida. Nele está localizado o Santuário de Nossa Senhora Aparecida e o bairro nasce a partir da Avenida João Naves de Ávila e da Avenida Monsenhor Eduardo, ambas com pontos de partida na região central da cidade.

A rusga entre “coiós e cocões” se deu devido à alternância das bandas dos grupos políticos locais. Romper a ordem sequencial da apresentação ocasionou uma grande discussão e a retirada de um grupo de coiós para a fundação de uma nova equipe - o Uberabinha *Sport Club* - que posteriormente veio a ser tempos depois, o Uberlândia Esporte Clube. Foi doado por Gil Alves dos Santos um terreno na Vila Operária e o local se transformou no Estádio da Vila Operária.



**Imagem 4 - Avenida Floriano Peixoto, onde podemos visualizar no ponto superior direito o Campo da Vila Operária, posteriormente chamado de Estádio Juca Ribeiro. Fonte: Histórias de Uberlândia.**

Sobre esse acontecimento Odival Ferreira narra com detalhes o fato ocorrido:

<sup>21</sup> MARTIN, Lucas Ferreira; VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. *Torneio Início Mineiro de 1983: A conquista esquecida do Uberlândia Esporte Clube na cobertura esportiva do título da Taça CBF*. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Rio de Janeiro, Ago/2015.

<sup>22</sup> SILVA, Antônio Pereira. *Uberlândia na linha do tempo: a história de Uberlândia por suas datas mais importantes*. Uberlândia: Edição do autor, 2015. 170p.

Diante daquilo, Agenor, Gil Alves dos Santos e outros coióis abandonaram o local, dispostos a fundar outro time. E rumaram para além da estrada de ferro, alcançando as terras de Gil, que de imediato demarcou uma área de 100 por 150 metros e a colocou à disposição para que ali do fosse feito o campo da agremiação que se pretendia fundar.<sup>23</sup>

O Estádio da Vila Operária com certeza foi o templo maior do futebol uberlandense por muito tempo. As melhorias vieram ao longo do tempo, gradativamente, e em 1935 o estádio recebeu a construção da sua arquibancada coberta. A partida inaugural da arquibancada coberta revela uma das histórias mais pitorescas sobre a vida do estádio. Tito Teixeira, presidente do clube uberlandense, convida para a partida inaugural a equipe do Operário, da cidade de Araguari, que prontamente aceitou o convite. A equipe e a torcida da cidade vizinha vieram contando com a figura ilustre do prefeito de Araguari, Jeovah Santos. O jogo foi conturbado devido a possíveis erros de arbitragem, mesmo trocando o árbitro da partida por três ocasiões. A torcida uberlandense sentindo-se prejudicada por erros de arbitragem hostilizava o árbitro chamando-o de ladrão, até que membros da comissão técnica do *team* local, fora em direção à arquibancada e retiraram pedaços de madeiras que alguns buscavam acertar os árbitros que apitara a partida, que até então estava empatada em zero a zero. E o placar se manteve empatado, pois o jogo não terminou. Sobrou para os jogadores do *team* visitante, para Tito Teixeira e até para o prefeito Jeovah Santos. Esse jogo é imortalizado como o “jogo das ripas”<sup>24</sup>. Talvez o jogo mais conturbado da história do Uberlândia Esporte Clube.

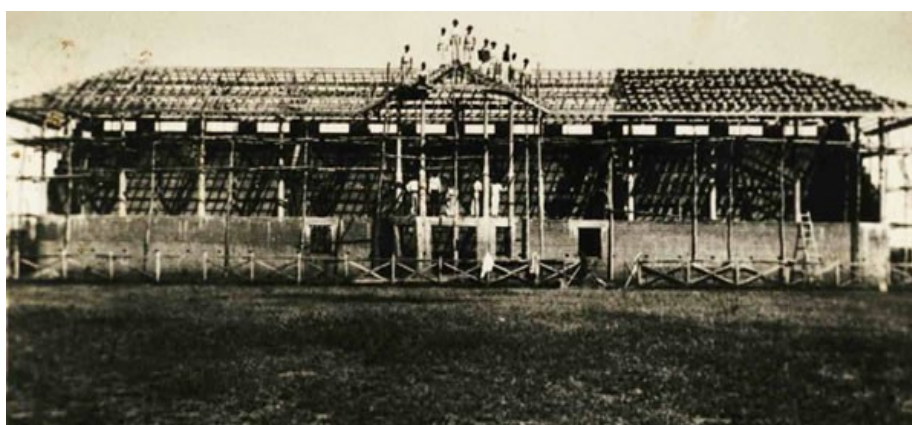


Imagem 5 - Construção da Arquibancada do Estádio da Vila Operária em 1935. Fonte: Arquivo Público Municipal - ArPU.

<sup>23</sup> FERREIRA, 2015, p.26.

<sup>24</sup> <http://gazetadotriangulo.com.br/tmp/colunas/o-vocabulario-dos-primordios-do-futebol-no-brasil/> . Último acesso em 21/05/2020.

As melhorias do Estádio da Vila Operária não pararam por aí. Em 1938 o estádio passa por melhorias; o mais importante *field* de Uberlândia é batizado como Estádio Juca Ribeiro. Esse foi mais um dos grandes momentos que o local passou. Odival Ferreira diz que:

la vinha outro momento marcante na história do clube, o dia em que o seu estádio foi batizado. Tendo esse passado por alguns melhoramentos, quando de sua reabertura deram-lhe o nome do incansável diretor e técnico, José Ribeiro dos Santos – o Juca Ribeiro. Esse andava meio afastado de tudo, mas diante daquilo, voltava, reassumindo o comando técnico da equipe.<sup>25</sup>

Juca Ribeiro já havia sido diretor e técnico do Uberabinha *Sport Club* no ano de 1922, logo na sua fundação. Era uma figura extremamente identificada com o clube. Na mesma data outro fato importante ocorreu: a mudança do nome da equipe, que até então se chamava Uberabinha *Sport Club* e passava-se a se chamar Uberlândia Esporte Clube. Mas as reformas não terminaram por aí. O próximo passo era buscar meios para instalar um sistema de iluminação no estádio. Fontes revelam que foi realizada uma forte campanha em 1942 para angariar recursos para essa obra.

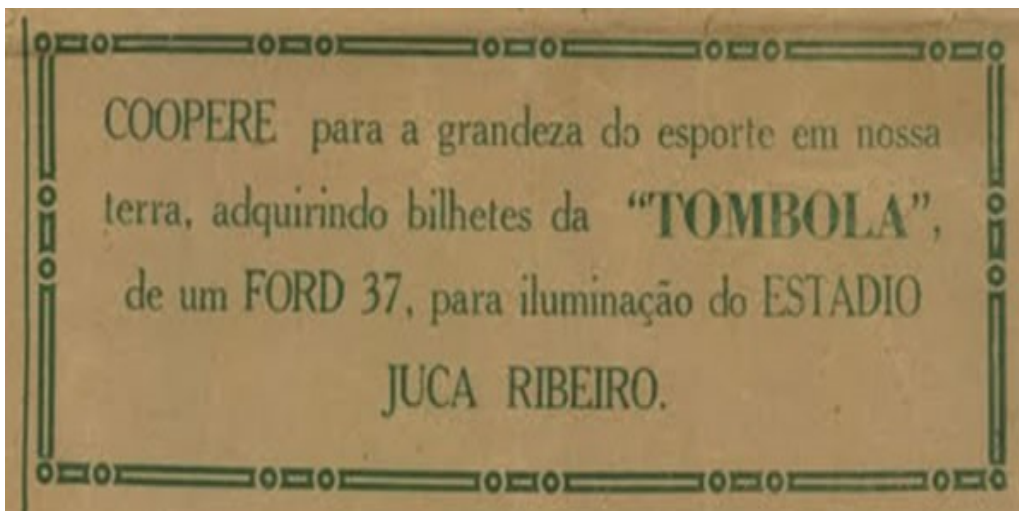


Imagem 6 – Loteria para angariar fundos para iluminação do Estádio Juca Ribeiro. Jornal Gazeta Esportiva – 1942. Fonte: Histórias de Uberlândia.

Sem sombra de dúvida o Estádio Juca Ribeiro recebeu grandes partidas amadoras e também após a profissionalização do Uberlândia Esporte Clube. Recebeu o *Club Atlético Peñarol*<sup>26</sup> do Uruguai, a Seleção da União Soviética e grandes equipes do futebol nacional.

<sup>25</sup> FERREIRA, 2015, p.43.

<sup>26</sup> FERREIRA, op.cit, p.35. Ferreira questiona sobre ser realmente a equipe do Penharol ou ser outra equipe uruguaia, o Wanderers *Fútbol Club*. No entanto, o Jornal A TRIBUNA, 18 de Maio de 1944, n.1767, AnoXXV, p.1, relata que por intermédio do Sr. Henrique de Castro, “vemos o Peñarol em Uberlândia num jogo internacional, por iniciativa de Henrique.”

Outro grande palco de grandes certames foi o estádio do Sal Tropeiro Futebol Clube.



Imagem 7 - Lançamento da pedra fundamental do Estádio do Sal Tropeiro Futebol Clube. Fonte: História de Uberlândia.

A equipe do empresário Nicolau Feres foi uma das grandes equipes da cidade de Uberlândia. Seu Estádio ficava na Vila Martins, onde atualmente se localiza a Praça Nicolau Feres. Feres tinha um armazém onde vendia e embalava sal. Impulsionado pela ideia do amigo e também figura do comércio, Salim Sued, que dizia que para divulgar a marca da empresa deveria fundar uma equipe de futebol<sup>27</sup>. Feres logo aceitou a ideia e criou uma equipe altamente competitiva. Salim e Nicolau fizeram a parceria esportiva e ficaram conhecidos não somente comercialmente, mas também se tornaram *sportmen* e o clube ficou conhecido em toda a região do Triângulo Mineiro. Em homenagem ao Sal Tropeiro Futebol Clube e também a Salim Sued e a Nicolau Feres saiu na imprensa local o seguinte texto:

Está ficando cutuba  
O tal “Club Sal Tropeiro  
O bicho sacode a juba  
Vira galo de terreiro  
Vae aqui, ali e lá  
Metendo o pé a valer  
O mano parece que está  
Até batendo sem saber...  
O Salim e o Nicolau  
Não deixam o “sal” por menor

<sup>27</sup>Disponível:<[www.futebolnacional.com.br/app/teamdetails.jsp?code=3A7385057E418E64DD5CEA1932537849&lang=es](http://www.futebolnacional.com.br/app/teamdetails.jsp?code=3A7385057E418E64DD5CEA1932537849&lang=es)> visualizado em 01/04/2020.

Faça bom tempo faça máu  
Põe para frente os pequenos  
Do onze intrépido e frajola,  
Feito mestres cuja escola  
É como as do tempo antigo  
O certo é que o “Sal Tropeiro”  
Está ficando “le a navale”  
Por qualquer coisa se espada  
Quer ser galo de terreiro<sup>28</sup>

O Sal Tropeiro Futebol Clube figurou juntamente Fluminense Futebol Clube e Uberlândia Esporte Clube na hegemonia do futebol da cidade de 1940 até meados dos anos 50.

Como aconteceu com o Fluminense Futebol Clube local, a cidade ganha em 1939, outro *team* homônimo de um clube do Rio de Janeiro, o Flamengo. A equipe do Flamengo entusiasmou a cidade naquele ano, e o jornal local destacou a presença do novo clube da cidade<sup>29</sup>. O Flamengo uberlandense manteve as mesmas cores da equipe carioca já conhecida no cenário nacional, às cores rubro-negra<sup>30</sup> e suas primeiras aparições mostravam ser uma equipe que daria trabalho para os adversários. O Flamengo participou do Campeonato Amador da LUFA de 1939<sup>31</sup>. Mandava seus jogos no Campo da Gávea, localizado na Vila Osvaldo. Pouco se sabe sobre a existência do *field* do Flamengo, pois as mais famosas praças para atividades futebolísticas na cidade de Uberlândia eram o Campo da Vila Operária e posteriormente o Campo do Sal Tropeiro Futebol Clube, conhecido como Estádio Nicolau Feres. Assim como o Flamengo do Rio de Janeiro tinha sede da Gávea, o Flamengo local também manteve o mesmo nome para batizar a sua casa. Em noticiário local<sup>32</sup> foi informado que uma equipe do Flamengo, recheada de reforços do Uberlândia Esporte Clube ganhou do Guarani Futebol Clube por 4x1, um placar bem elástico para uma equipe iniciante.

---

<sup>28</sup> A TRIBUNA, 25 de Março de 1943, n.1661, Ano XXIV, p.4.

<sup>29</sup> A TRIBUNA, 21 de Maio de 1939, n.1303, Ano XXI, p.3.

<sup>30</sup> O uniforme da equipe de futebol do Flamengo da cidade do Rio de Janeiro surge para diferenciar do uniforme da equipe de remo. Mario Filho conta que o primeiro uniforme do Flamengo recebeu o apelido de Papagaio de Vintém. Esse apelido era devido aos grandes quadriculados pretos e vermelhos na camisa, lembrando pipas de baixo valor, que poderiam ser adquiridas por um vintém. Esse apelido havia causado um grande desconforto para os atletas da equipe. Algumas pessoas até achavam que a camisa dava azar e resolveram mudar a camisa. Essa segunda camisa tinha listras pretas e vermelhas na horizontal, com uma listra branca mais fina que as demais também na horizontal, o que rendeu um segundo apelido: Cobra Coral. O fim da camisa cobra coral se deu no período da Grande Guerra, onde a camisa cobra coral se parecia com a bandeira alemã, por fim, resolveram retirar a listra branca da camisa, onde a mesma se tornou apenas preta e vermelha, ou rubro negra, como é conhecida até os dias de hoje. MÁRIO FILHO, 2010, p.55.

Cf. Exposição Virtual – Estilo em Campo: Acessórios, cores e tecnologias na moda do futebol. Disponível em: < <https://www.museudofutebol.org.br/pagina/exposicoes-virtuais> > Acesso: 20/07/2020.

<sup>31</sup> O Flamengo de cidade de Uberlândia usou um uniforme idêntico ao homônimo carioca, listras pretas e vermelhas na horizontal.

<sup>32</sup> A TRIBUNA, 27 de Junho de 1943. n.1686, AnoXXIV, p.3.

Além de equipes principais e seus quadros secundários a maioria dos *teams* também apresentavam quadros juvenis. Assim se apresentavam as equipes para competições de base para a formação de atletas. Em destaque no noticiário local estaria surgindo na cidade um *team* juvenil, o Botafogo Futebol Clube<sup>33</sup>. Equipes de base de Flamengo, Sal Tropeiro e o recém-criado Mogiana, que ficou conhecido como “Mogianinha”. O noticiário explicita o objetivo de se manter os quadros juvenis: “Deverão ter o ensino da Educação [sic] Esportiva, que é o mais precioso”<sup>34</sup>.

Até 1945 muitas equipes foram criadas, mas muitas não resistiram ao tempo, não tendo o mesmo prestígio que algumas tiveram. Além de Uberlândia Esporte Clube, Sal Tropeiro Futebol Clube, Flamengo Futebol Clube, Fluminense Futebol Clube e Mogiana Futebol Clube, tivemos também equipes como: Seme Simão Futebol Clube, Willian Feres Futebol Clube, Guarani Futebol Clube, Mundo Elegante Futebol Clube, Associação A. Do Comércio Mário Porto, Ass. Ginasiana Esportiva e Cultural e Associação Ginasiana Brasil Central, o Liceu Futebol Clube, o Ginásio Esporte Clube, o Vila Saraiva Futebol Clube, o Comercial Esporte Clube e Uberabinha Esporte Clube. Esse Uberabinha, aparentemente, nada tem a ver com o Uberabinha *Sport Club* que virou o Uberlândia Esporte Clube. Não encontramos nenhuma documentação que mostre o (re)surgimento desse clube.

Certamente existiram mais equipes nesse período, mas, no entanto não receberam tanto destaque como essas equipes. Algumas desapareceram sem deixar vestígios, outras tiveram um tempo de vida mediano, caso do Sal Tropeiro Futebol Clube e outras como é o caso do Uberlândia Esporte Clube conseguiram se profissionalizar.

---

<sup>33</sup> A TRIBUNA, 13 de Maio de 1943, n. 1673, Ano XXIV, p.3.

<sup>34</sup> Ibidem. p.3.



## CAPÍTULO 2

### TOQUE DE PRIMEIRA: UBERLÂNDIA CONSOLIDA O FUTEBOL.

Na há ao certo como mensurar como o futebol chegou a Uberlândia, quer dizer, em São Pedro do Uberabinha, mas podemos ouvir relatos que, já na década de 10, Uberabinha se organizava para ver a pelota rolar. Nesse período a cidade se concentrava no chamado “centro antigo”, conhecido hoje como Bairro Fundinho, “localizada na parte sul [...] fica entre as praças Coronel Carneiro, Cícero Macedo, o Colégio das Freiras, tendo como limites a praça da antiga prefeitura e a Igreja do Rosário”<sup>35</sup>, região que todo uberlandense conhece, já que foi lá que tudo começou. Na Uberlândia de hoje preserva-se um *glamour* sobre esse bairro; local de bons restaurantes e bares, recanto da classe média da cidade e respeitáveis casarões. Naquele período, era no Fundinho que se encontrava os principais comércios, praças, a igreja principal e o Teatro São Pedro.

Apesar de todos esses pontos de comércio, cultura e religiosidade, não vemos nenhum relato da presença de um *field* de futebol na primeira década do século XX. Somente nos meados da década de 10 ouve-se relatos de organização para o jogo dos *onze*. Há indícios que a partir de 1911 criam-se equipes de *football* em São Pedro do Uberabinha, onde a primeira equipe, ou uma das primeiras equipes seria o União *Foot Ball Club*.

Um ponto que devemos salientar nesse momento é a distinção do jogo de bola, atividade essa que qualquer criança pode praticar desde que se tenha uma bola. Não necessariamente se necessita de onze jogadores para cada lado, metas e todo aparato necessário para a prática do futebol com regras. É muito possível que havia o jogo de bola, mas o futebol propriamente dito, de maneira organizada com todos os seus instrumentos e conjunto de regras, pela falta de documentação, acreditamos que isso não tenha acontecido antes da década de 10 em São Pedro do Uberabinha. Sobre a existência da equipe do União *Foot Ball Club* no início da década de 10, Odival Ferreira citando o memorialista Antônio Pereira da Silva, nos diz que “[...] logo no primeiro encontro público, entre equipes formadas dentro do próprio União, os atletas ficaram com vergonha de colocar calções e mostrar as pálidas canelas para as senhoritas e mães de família que estavam em volta do campo.” (FERREIRA, p.17 apud SILVA). Esse relato sobre a gênese do futebol em Uberlândia nos faz

---

<sup>35</sup> CALVO, Célia Rocha. *Cultura e Cidade: Uberlândia, espaços, memórias e vivências*. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosângela. (Orgs.). *Histórias & Historiografia: Perspectivas contemporâneas de investigação*. Uberlândia: EDUFU, 2003. 448p.

observar questões importantes sobre a prática da modalidade, muito crescente no país nesse momento.

Primeiro ponto observado nessa fala é a formação de um clube que recrutava atletas para formação de dois quadros para a peleja entre si. Usamos aqui a palavra clube no sentido de agremiação ou equipe para a prática esportiva e recreação, para no caso a prática do futebol e não de uma localidade de concentração de *multi* atividades recreativas e de lazer como vemos hoje. Quem é o pai, o fundador ou o idealizador do *team*, como se chamava a época, não sabemos ao certo, mas uma das figuras mais proeminentes nas atividades esportivas da cidade, especialmente ao fim da década de 10 na cidade foi à família Zardo. Américo Zardo foi um dos grandes construtores da cidade. Américo e seu irmão, Pedro, se dedicaram a prática futebolística e foram figuras importantes para vida esportiva da cidade.<sup>36</sup> Outra possível figura participante do União *Foot Ball Club* é Raulino Cotta Pacheco. Segundo Antônio Pereira da Silva, Raulino ao estudar no Colégio Diocesano de Uberaba - MG teve contato com o futebol em suas atividades recreativas<sup>37</sup>.

Essa hipótese vai de encontro a posição do historiador José Moraes dos Santos Neto, que nos revela a presença de atividades de bola no Colégio São Luís, da cidade de Itú, no interior do Estado de São Paulo. Isso nos sinaliza que os colégios católicos, ao fim do século XIX, desenvolviam dentre as atividades recreativas, o futebol. Foram os ex-alunos desses colégios que levaram o futebol para outros cantos do país. Santos Neto cita César de Oliveira, Valdemar Junqueira e Apulcro Brasil como os responsáveis por levar o futebol a Uberaba – MG <sup>38</sup>. Em consonância com Santos Neto podemos ver Cleber Dias citando Hidelbrando Pontes nos relatando que “[...] por volta de 1903, padres Maristas assumiram a direção do Ginásio Diocesano de Uberaba, e entre as práticas promovidas pelos religiosos estava o ‘bate bolão’, ‘pálido arremedo do rugby’.” (DIAS, 2013, p.36 apud PONTES, 1972, p. 34) . Mais tarde o sucesso do Diocesano era reconhecido e...

em 1911, por ocasião de uma exposição agropecuária que aconteceu naquele ano em Uberaba, o presidente da municipalidade, sugeriu aos times do Ginásio que organizassem uma seleção para enfrentar uma equipe de Araguari. Surgia assim o Diocesano Futebol Clube, um dos primeiros times a mobilizar grandes contingentes para a prática do futebol na cidade. Na sua primeira partida, o time venceu seus

---

<sup>36</sup> SILVA, Antonio Pereira da. *Velhos Italianos de Uberabinha*. Uberlândia: Iconography, [199-?]. 112p.

<sup>37</sup> Ibidem. p.87.

<sup>38</sup> SANTOS NETO, 2002, p.23.

adversários de Araguari por 2 x 0, logo passando a ser reconhecido como o ‘invenível’.<sup>39</sup>

As pálidas canelas descritas por Ferreira nos mostra um fator comum em muitas cidades onde o futebol chegou, por ser uma atividade composta por pessoas brancas e que convidava outras pessoas brancas para montarem o quadro dos *onze*. Era comum na maioria das cidades que recebiam o futebol, muitas vezes trazido por ingleses ou italianos, todos brancos, e quando não houve a participação dessas figuras estrangeiras, o futebol chegava às cidades através de uma figura de destaque entre a elite local, provavelmente um filho de político, médico ou engenheiro, que foi estudar na Europa, ou que teve contato com outras figuras de outras elites e trouxe consigo uma bola e um conjunto de regras.

Nas primeiras duas décadas do século XX era assim na maioria dos pequenos municípios; a atividade futebolística reservada somente aos de pele clara, vindo os negros a participarem apenas anos depois. Comumente nos grandes centros há relatos de exclusão de negros em alguns clubes. Um dos principais personagens a relatar essas questões foi o jornalista Mário Filho em seu livro *O Negro no Futebol*. Nessa obra ele narra à gênese do futebol na cidade do Rio de Janeiro na última década do XIX e as primeiras do XX. Os *teams* do Fluminense e do Botafogo foram equipes para a elite carioca, e ali, todos os atletas deveriam ser brancos, de “boas famílias”<sup>40</sup>. Os *teams* suburbanos eram formados pela massa excluída, como pretos e operários, tendo seus embates completamente separados das dominações dos brancos. A própria estrutura dos campos era segregada, onde ainda há até hoje, uma tribuna de honra para receber as figuras ilustres, em geral pessoas ligadas às elites locais, políticas ou industriais, como também figuras ilustres dentro do próprio futebol. No primeiro momento do futebol no Rio de Janeiro, eram frequentes as festas realizadas pelos clubes de elite, como por exemplo, o Fluminense, que fazia seus sociais em seu salão. Já o Botafogo não tinha salão, mas mantinham seus encontros em casas de pessoas ilustres ligadas ao clube.<sup>41</sup>

Em São Paulo não foi diferente. As elites concentraram as atividades futebolísticas somente a pessoas de pele branca e clubes como o *Club Atlético Paulistano* e o *São Paulo Athletic Club*, *Sport Club* Germânia, *Sport Club* Internacional e a Associação Atlética

---

<sup>39</sup> DIAS, Cléber. Os primórdios do futebol em Goiás, 1907 – 1936. Revista História Regional, n.18, p.31-61, 2013.

<sup>40</sup> MÁRIO FILHO, 2010, p.36.

<sup>41</sup> Ibidem. p.46.

*Mackenzie College*,<sup>42</sup> eram os núcleos da elite paulistana para a prática do *football* e todos foram fundados na última década do século XIX e na primeira década do século XX. Os times de elite se encontravam para os embates e um dos pontos desses encontros era o antigo Velódromo da cidade. O local era chamado de Várzea do Carmo, que foi transformado em campo de futebol graças a uma ação conjunta entre o *Club Atlético Paulistano* e a Prefeitura Municipal. No entanto, os clubes da elite paulistana evitavam encontros com equipes populares e para não ter o encontro com os atletas de classe social inferior, jogavam em horários diferentes. A partir de então, o termo “varzeano”, “futebol de várzea” ou “time de várzea”, nome pejorativo ao futebol mal jogado ou futebol de jogadores sem habilidade, foi dado justamente aos times populares de camadas menos abastada ou com operários e negros, para rotular aqueles que não se enquadravam em equipes da elite.<sup>43</sup>

Outro ponto de destaque na fala de Odival Ferreira era a presença feminina no local de jogo. Mário Filho, sobre a gênese do futebol carioca e Livia Gonçalves Magalhães, que descreve o mesmo período no futebol paulistano, concordam em suas narrativas que havia mulheres como espectadoras nos campos e também nos bailes promovidos pelos *teams*.<sup>44</sup> Deixemos bem claro que, nesse momento, a mulher era somente expectadora e não atleta<sup>45</sup>. Não encontramos nenhum relato de haver times mistos em alguma agremiação entre o final do século XIX e início do século XX, o que apresenta claramente que o futebol era uma atividade esportiva extremamente masculina, cabendo à mulher apenas a posição de prestigiadora dos eventos ou como veremos em muitos relatos, a de rainhas e madrinhas das equipes<sup>46</sup>.

---

<sup>42</sup> SANTOS NETO, 2002, *passim*.

<sup>43</sup> SANTOS NETO. *op. cit.* p.53.

<sup>44</sup> MÁRIO FILHO, 2010, *passim*.

<sup>45</sup> A Confederação Brasileira de Desportos – CBD a partir do ano de 1941 com o Decreto-Lei nº3. 199, Art. 54, proibia a prática de atividades esportivas elencadas como incompatível com o público feminino e o futebol era uma dessas atividades. Assim pronunciava o Art. 54: “As mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” (BRASIL, 1941). O futebol feminino somente seria regulamentado em 1983.

<sup>46</sup> Mesmo com proibição do Decreto-Lei nº3199, nos anos 50 ocorre uma avalanche de partidas de futebol feminino. De norte a sul do país equipes consideradas “subversivas” organizam partidas, mostrando que as mulheres também poderiam jogar futebol. Foram noticiados jogos na Bahia, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Em Minas Gerais a equipe do Araguari Atlético Clube, fundado em 1944, reivindica o título de “Primeira Equipe de Futebol Feminino do Brasil”. (Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, 12/06/2011, Edição Digital.) Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2011/06/928856-primeiro-time-feminino-brasileiro-e-reativado-em-minas.shtml>>.

Quanto aos demais jogos e equipes, cf. Exposições Virtuais – Mulheres, Desobediência e Resiliência. Disponível em: < <https://www.museudofutebol.org.br/pagina/exposicoes-virtuais>>.

Em 1933, houve um eufórico e destacado evento para a coroação da rainha do Uberabinha *Sport Club*. Moças de famílias da ilustre sociedade uberlandense participaram do pleito e a grande festa no *Cine Theatro Avenida* coroou a senhorita Alda de Sousa<sup>47</sup>. A festa contou com as figuras mais ilustres da cidade, onde a solenidade foi presidida pelo Dr. Arnaldo de Moura, Juiz de Direito, e tiveram também a figura do Promotor Público, do Prefeito Municipal, o Diretor da Escola Normal, o Secretário Geral da Associação, e o orador oficial, todos a convite de Tito Teixeira<sup>48</sup>.



Imagem 8 - Equipe do Sal Tropeiro F.C. e sua Madrinha – 1944. Fonte: Acervo João Quituba – CDHIS/UFU.

As madrinhas e rainhas de equipe eram mulheres belas, geralmente ligadas a alguns nomes de importância das equipes que pousavam junto às fotos das equipes enfileiradas antes dos embates. Elas estão presentes a partir dos anos 20 até os anos 50, após isso, a moda da

<sup>47</sup> A TRIBUNA, 16 de Agosto de 1933, n. 716, Ano XIV. p.4.

<sup>48</sup> Ibidem. p.4.

madrinha da equipe em fotografias é deixada de lado. Além das madrinhas das equipes, as mulheres da alta sociedade eram vistas no estádio. Como já salientamos anteriormente, era comum presença feminina nos embates, senhoras acompanhadas de seus esposos e senhoritas acompanhada pela família. E para incentivar a presença das mulheres no estádio, divulgava-se “Premios ao Bello Sexo”<sup>49</sup>, que se fizessem presentes. Em Uberlândia foi comum ver as equipes entrarem em campo com a presença da madrinha da equipe ou ver rosto da madrinha estampado em cartazes ou flâmulas. Cada equipe tinha a sua madrinha, assim relatou o colunista Benjamim de Oliveira:

Agradou sobremaneira o desfile inicial dos cento e dez jogadores; agradou e muito a apresentação de cada quadro com sua madrinha e – que madrinhas! lindas – e graciosas criaturas ostentando a sua juventude e a sua garridice fagueiras juntamente com o pavilhão do seu clube; agradou a disputa de cada prélio a disciplina si bem que com algum ou outro sinão [sic] dos elementos em campo<sup>50</sup>.

Esses indícios nos mostra que Uberlândia seguiu as novidades e modas da época. Isso é importante para dimensionarmos a importância desse novo esporte elitista na cidade e como a cidade recebeu essa atividade. Aparentemente, o futebol em Uberlândia na primeira década do século XX foi realizado por figuras de classe mais abastada da cidade, moradores dos arredores da região central da cidade.

Nos anos 30, o futebol já era um esporte viral em todo território nacional. Não se encontrava lugar, onde nos finais de semana, a bola não rolava. Acessível, essa modalidade esportiva já alcançava lugar nas cidades, vilas ou vilarejos. As cidades brasileiras, sob influência católica, mantinham nas praças centrais ou nos altos de morros suas catedrais; era uma devoção da maioria das pessoas acompanhar as missas dominicais, mas após o encontro com o sagrado, era comuns irem para o embate matinal que o esquadrão de sua cidade ou de seu bairro iria travar com outra equipe. Esse momento também se tornava sagrado. E mais tarde, para muitos, o futebol seria mais que religião, uma paixão inexplicável, e o domingo se tornaria o mais abençoado dos dias, a coroa da semana, “[...] a sala de estar de uma semana de trabalho.”<sup>51</sup> Iniciar a semana com o que ter que falar, os assuntos do campo começaram a adentrar na vida dos brasileiros. Nos vínculos sociais da elite, como também dos operários, o *football*, como era chamado, se tornara assunto comum em rodas de conversas dos mais

<sup>49</sup> A TRIBUNA, 11 de Junho de 1939, n.1309, Ano XXI, p. 3.

<sup>50</sup> A TRIBUNA, 24 de Maio de 1942, Ano XXIII, n.1589, p.1.

<sup>51</sup> RAMOS, Roberto. *Futebol: Ideologia do Poder*. Petrópolis: Vozes, 1984. 116p.

variados lugares. A década de 30 é uma década de intensa profissionalização no futebol brasileiro, assim como aconteceu em demais países.

No Brasil, a consolidação se dá em meados dos anos 10, cujas grandes mudanças, talvez as mais significativas, advêm de setores externos ao campo de futebol, com a busca de novos locais e participantes para esporte.<sup>52</sup> Já com a chegada da terceira década, a preocupação dentro dessa prática esportiva já consolidada, era a questão da profissionalização dos atletas de futebol e de clubes. Segundo José Sebastião Witter, “[...] os dirigentes do Paulistano não aceitavam a ideia de que o jogador ganhasse para praticar o futebol. Para eles o amadorismo e o lúdico tinham que prevalecer.”<sup>53</sup> O Paulistano era um clube tradicional da prática futebolística na capital paulista mas não defendia a profissionalização da modalidade, pois muitos achavam que o futebol era para a prática da elite. Defender uma profissionalização era algo fora de cogitação. Mas existia a situação do subprofissionalismo em clubes medianos de algumas cidades, onde atletas viviam a vida normal de trabalhador e no final de semana jogava futebol, alguns de forma remunerada e outros não.

Essa ideia permeou os mais variados clubes e times citadinos durante as décadas de 30 e 40, partindo de um ponto de observação a partir dos clubes de grandes centros urbanos, onde os conflitos ocorridos foram mais agudos. Nos pequenos conglomerados urbanos o futebol ainda passava por seu processo de consolidação, também com seus conflitos e seus dilemas, afinal, conflitar faz parte da história do futebol. As rugas acontecem desde os primórdios do futebol, ainda no século XIX, na Inglaterra, quando houve a separação entre o *rugby* e o *football*. Os colégios que preferiam o *rugby* preferiam contatos mais bruscos, e os que defendiam o *football* aceitavam o contato mas sem tamanha contundência. A partir de então houve a separação das regras do *rugby* e do *football*.<sup>54</sup>

Esse processo de profissionalização não atinge de imediato o futebol uberlandense. As equipes locais ainda desfrutavam de um amadorismo quase por completo. A única equipe que navegava em um mar de subprofissionalismo era o Uberlândia Esporte Clube. Enquanto era ainda o Uberabinha *Sport Club*, nada foi descoberto ao confeccionarmos este trabalho, sobre

---

<sup>52</sup> WITTER, José Sebastião. *Futebol: Um fenômeno universal do século XX*. Revista USP, São Paulo, n.58, p.161-168, junho/agosto 2003.

<sup>53</sup> Ibidem. p.165.

<sup>54</sup> GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. 248p.

uma estrutura profissional. Mas esse ar de subprofissionalismo chega aos anos 30, e é nesse monte que aparecem novas equipes no cenário citadino. Uma das equipes mais destacadas seria a do Fluminense Futebol Clube, que dos meados dos anos 30 rivaliza com o Uberlândia Esporte Clube a hegemonia local.

Juntamente com o processo de consolidação futebolística vemos os conflitos e jogos de interesse aos poucos se afluírem, conflitos que envolvem patrões e operários, clubes de elites e clubes periféricos, clubes de atletas brancos e clubes com negros ou mestiços, tudo isso envolvendo um alto conflito dentro e fora das quatro linhas; reiterando que até a polarização política é absorvido pelo futebol, onde a existências de clubes socialistas, clubes de sindicalistas, colocam também a luta de classes dentro de campo. Como já dissemos anteriormente, era a equipe do Uberlândia Esporte Clube que rivaliza com o Fluminense Futebol Clube nos anos 30 e posteriormente no início da década de 40 o seu rival seria o Sal Tropeiro Futebol Clube, que nasce, a partir da marca de uma empresa, e seus jogadores, em sua maioria, são da classe não privilegiada. Em Patos de Minas, por exemplo, vemos a União Recreativa dos Trabalhadores, conhecido simplesmente pela sigla URT, onde nasce a partir dos membros do Sindicato Operário de Patos de Minas, em 1939<sup>55</sup> e o Esporte Clube Mamoré, que é representante da classe mais abastada e política, fundado em 1949.

## **2.1. Os torcedores, viagens e rivalidades.**

Após já estarem efetivamente no coração da cidade, as equipes já encaravam como novos desafios os duelos fora de casa. Nesse momento era natural uma identificação com algumas equipes onde um grupo de pessoas se tornaria apaixonada por essa ou por aquela equipe. Essa paixão se dava por questões como a localidade da equipe, pelas cores, pela identificação com alguma figura em especial, como por exemplo, um grande jogador. Não é de se estranhar que até mesmo as cores dos clubes rivais, criam um dado asco ao apaixonado pelo time em relação a outras cores diferentes. No futebol há conflito de cores, conflito de locais, conflito étnico, conflito de classes e conflitos políticos. Ele é capaz de levar para campo algo além da simples e sadia rivalidade, mas os mais agudos conflitos, que extrapolam os limites da boa vizinhança, dando uma nova sensação de pertencimento. Cria-se eles

---

<sup>55</sup> Disponível em < <http://www.agesporte.com.br/urt-70-anos-para-serem-comemorados/>>. Acesso em: 22/06/2020.



sociais, um universo clânico<sup>56</sup> unido por símbolos e cores, lembrando o universo iconográfico das religiões e seus objetos sacros. Esses clãs e rivalidades podem ser estendidas também por conflitos citadinos.

Esses conflitos citadinos foram observados e ampliados à medida que o futebol havia se consolidado no país. Times da vila *tal* e das cores *tal* se tornavam rivais e essas rivalidades perduram até os dias de hoje, principalmente em centros urbanos maiores. Em Uberlândia, as equipes que rivalizaram com o Uberlândia Esporte Clube não alcançaram o nível profissional e acabaram se mantendo no amadorismo. O Sal Tropeiro Futebol Clube não resistiu ao tempo e nenhuma outra equipe teve tanto apoio político como teve o Uberlândia Esporte Clube, que não teve exemplos de rivalidade acirrada com nenhuma outra equipe como acontece em Uberaba, como o Uberaba *Sport Club* e o seu rival alvi negro, o Nacional Futebol Clube, fundado em 1944; ou como já falamos da rivalidade em Patos de Minas, com a União Recreativa dos Trabalhadores, a URT e a equipe do Esporte Clube Mamoré a partir dos anos 50.

Já em âmbito internacional, o Brasil já tinha uma seleção nacional com um título sul americano em 1919 e iniciara a década de 1930 rumo ao primeiro mundial de seleções, que aconteceria no Uruguai. O mundial de seleções era uma mudança política significativa na gestora do futebol internacional, mudança política essa que coincide também com uma mudança significativa na política nacional, com a chegada do gaúcho Getúlio Vargas ao poder, e que futuramente, essas mudanças no caráter político do cenário nacional chegaria aos desportos nacionais, em especial o futebol. Houve “[...] o sentido de que a pátria vestia chuteiras e entrava em campo ganharia formidável impulso a partir dali [...]”<sup>57</sup> a partir de 1930. A participação do selecionado nacional em competições internacionais fez com que, principalmente com os nossos vizinhos sul-americanos, acontecesse uma rivalidade tamanha, em especial com o selecionado uruguaio e argentino, países em que a chegada do futebol se coincide com o Brasil.

O cenário nacional abrigava competições estaduais sólidas e consagradas, como no caso do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul, contando com os mais variados clubes, mesclando clubes com perfil elitista e clubes de origem operária, dentro de um padrão subprofissional de atividade esportiva. Aos clubes com perfil mais

---

<sup>56</sup> MACHADO, Igor José de Renó. *Futebol, Clãs e Nação*. Dados, v.43, n.1. p.00-00. 2000.

<sup>57</sup> GUTERMAN, Marcos. *O Futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2014. 272p.

modesto, tanto de gestão, quanto de posses, cabia dentro de suas possibilidades criarem desafios através de suas microrregiões, pois ganhar uma peleja contra uma equipe que porventura tivera mais destaque nos resultados era motivo de comemoração e prestígio local, como também, de angariar maiores investimentos para o crescimento da equipe. Assim fizeram algumas equipes de Uberlândia, já que na região do Triângulo Mineiro havia uma grande gama de clubes distribuídos em centros urbanos em desenvolvimento demográfico como Uberaba, Araxá e Uberlândia, mas também em outras cidades com perfil econômico significativo, caso de Araguari e Ituiutaba. Ambas as cidades continham agremiações futebolísticas de expressões dentro da região. Clubes como Uberaba *Sport Club* (Uberaba), Associação Esportiva Ituiutabana, (Ituiutaba), Operário Futebol Clube (Araguari), Ipiranga Futebol Clube (Araxá), Fluminense Futebol Clube (Uberlândia) e Uberabinha *Sport Club*<sup>58</sup> (Uberlândia), tiveram certa proeminência regional nos anos 30.

Nos anos 40 surgem mais equipes para rivalizar com as equipes na região, é o caso de Fluminense Futebol Clube (Araguari), Nacional Futebol Clube (Uberaba), Najá Futebol Clube (Araxá), Sal Tropeiro Futebol Clube (Uberlândia) e Ituiutaba Futebol Clube (Ituiutaba). Mas, é nos anos 30 que os clubes do Triângulo Mineiro começam a circular por entre as cidades da região e desenvolver a rivalidade extramunicipal, como também extraestadual, pela proximidade com o sul de Goiás e no norte de São Paulo.

O jornal A Tribuna relata no ano de 1931 uma viagem do Uberabinha *Sport Club* na cidade de Conquista, distante, aproximadamente 180 km de Uberlândia, onde bateu o time local. O retorno à cidade de Uberlândia foi triunfal, com direito a cortejo dos *players* vitoriosos e discurso em exaltação a Juca Ribeiro<sup>59</sup>. Odival Ferreira descreve algumas excursões do *team* do Uberabinha ao interior de São Paulo, onde jogou contra os *onze* do São Joaquim, de São Joaquim da Barra - SP, vencendo por 4x0 em 1930; enfrentou os *onze* de Pedregulho – SP, vencendo por 3x0 em 1931; em 1933 esteve em combate contra a equipe da Associação Orlandina, da cidade de Orlandia – SP; em 1935 enfrentou o Guarani da cidade de Campinas – SP e também o XV de Piracicaba, da cidade de Piracicaba – SP<sup>60</sup>. Como anfitrião recebeu em 1933 a A.A.Francana, da cidade de Franca – SP.

---

<sup>58</sup> FERREIRA, 2015, p.42. Ferreira revela que: “O nome da cidade fora mudado em 1929, mas o time continuava a ser Uberabinha”.

<sup>59</sup> A TRIBUNA, 10 de Agosto de 1931, n.561, Ano XIII. p.6.

<sup>60</sup> FERREIRA, op. cit, pp. 39-40. O autor não esclarece diretamente se esses jogos amistosos foram realizados no interior de São Paulo ou essas equipes vieram até Uberlândia.

A equipe do interior paulista, uma semana antes acabara de ter um bom resultado frente à equipe do Uberaba *Sport Club* em Uberaba, o que criou uma atenção maior para a equipe do Uberabinha, que se mantinha invicto por quase duas temporadas e depositava suas esperanças em uma boa atuação do rápido atacante Wolney<sup>61</sup>. Recebeu também o clube do Palestra Itália da cidade de Ribeirão Preto<sup>62</sup>. Jogo que não houve tanto alarde quanto o embate contra os *onze* de Franca. Aconteceu também um jogo desempate entre o Commercial Futebol Clube *versus* o Tupacyguara *Sport Club*, onde o *team* de Uberlândia teve amplo domínio e ganhou a peleja por 3 x 1<sup>63</sup>. Há também relatos de anos mais tarde recebermos a visita de equipes de localidades mais distante, como o Jabaquara Atlético Clube, da cidade de Santos – SP. Conhecido como O Leão do Macuco, o jornal local já dava o favoritismo a equipe paulista, por ter uma equipe forte que já disputava o campeonato de seu estado<sup>64</sup>.



**Imagem 9 - Visita do Jabaquara Atlético Clube – 1944. Fonte: Acervo João Quituba – CDHIS/UFU.**

---

<sup>61</sup> A TRIBUNA, 9 de Agosto de 1933, n.714, Ano XIV. p.4.

<sup>62</sup> A TRIBUNA, 17 de Setembro de 1933, n. 723, Ano XIV. p.4.

<sup>63</sup> A TRIBUNA, 11 de Outubro de 1933, n. 730, Ano XIV. p.2.

<sup>64</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 30 de Setembro de 1944, n.994, Ano 12. p.2.

O jogo não decepcionou. Oito tentos ao todo, cinco para o Jabaquara e três para o Uberlândia Esporte Clube, em tarde inspirada de Leonaldo, o atacante do *team* da cidade litorânea.<sup>65</sup>

A proximidade com a cidade de Araguari também permitiu alguns encontros futebolísticos. Era uma viagem que não exigia grandes desgastes até o local do jogo, como por exemplo, uma viagem ao interior de São Paulo, apesar da rede ferroviária da Mogiana, que facilitava o deslocamento para certas localidades. Era comum receber os araguarinos em nossa cidade para uma peleja, como exemplo podemos relembrar fatídico jogo contra o Operário, aquele que foi conhecido como o jogo das ripas. Mas em alguns momentos era necessário retribuir as visitas e ir até a cidade ao lado medir forças, como se pode ver no noticiário do jornal Correio de Uberlândia:

O nosso “Uberlândia Esporte Clube”, jogará domingo, em Araguari, contra o “Operário F. Clube”, daquela cidade, em disputa de uma partida decisiva, pois que, no encontro, verificado nesta cidade, a corrente 2 do corrente, houve um empate de 2 x 2 que os locais levaram á conta da parcialidade e com que não se conformam.

Assim, a partida de domingo, na visinha cidade assume um carater decisivo, principalmente atrahente, pois que ali também haverá uma interessante preliminar, entre o segundo quadro do “Operário F. Clube, e o “team” do nosso Fluminense.

Serão duas partidas que terão, por certo, grande concorrência [sic], uma vez que ha grande interesse da parte dos araguarinos, em receber os quadros uberlandenses.<sup>66</sup>

A notícia do periódico anunciava que essa visita à cidade de Araguari era resposta a uma visita realizada dez dias antes, onde houve uma suspeita de uma “dose” de parcialidade na pugna em Uberlândia. Muito provável que a partida em Araguari já tenha sido definida entre os dirigentes das equipes após o término na partida de Uberlândia. Outro detalhe relatado é que não somente uma, mas duas equipes foram à cidade de Araguari, era o Fluminense Futebol Clube, homônimo da equipe carioca fundada por Oscar Cox e, curiosamente, a cidade de Araguari no ano de 1942 teria um *team* também batizado de Fluminense Futebol Clube<sup>67</sup>. A equipe do Fluminense era uma equipe conhecida na cidade de Uberlândia mas não mostrava tanto prestígio junto à mídia local como a equipe do Uberlândia Esporte Clube, e que em muitas das vezes realizavam a participação em preliminares e

---

<sup>65</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 11 de Outubro de 1944, n. 997, Ano 12, p.2.

<sup>66</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 12 de Abril de 1939. ANO II, n. 315, p. 2

<sup>67</sup> Disponível em < <https://web.archive.org/web/20160315181306/http://fluminensearaguari.com/>>. Acesso em 28/06/2020.

deixava a partida principal para o Uberlândia Esporte Clube. Além das idas a Araguari, nossas equipes viajaram para cidades próximas como Tupaciguara, Ituiutaba e Uberaba.

Normalmente os *fields* tinham sucesso de público. Nesse momento não encontramos pelas mídias jornalísticas alguma mensuração de público presente nas pelepas locais e intermunicipais. Algumas imagens mostram que a participação do público prestigiando os jogos era um fato. Havia nos jornais a chamada para as pelepas futebolísticas locais, como também relatos de excursões, especialmente quando eram jogos do Uberlândia Esporte Clube. Mas também acontecia com o Fluminense Futebol Clube nos anos 30 e com Sal Tropeiro Futebol Clube e Flamengo Futebol Clube nos anos 40.



**Imagem 10 - Estádio Juca Ribeiro em dia de jogo. Fonte: Acervo Arquivo Público de Uberlândia – ArPU.**

Nesses jogos nem sempre as coisas iam muito bem e a contenda poderia se tornar um campo de guerra que, sem devidas intervenções, as pessoas envolvidas na partida, tanto atletas, quanto torcedores, poderiam chegar às *vias de fato*. Não era um desafio fácil viajar naquele momento para localidades fora da malha ferroviária. Estradas sem pavimentação e transporte longe de ser o mais confortável, as equipes iam às outras localidades desafiadas pela vontade de vencer e defender além de suas cores, a sua cidade. Na abordagem de Sandra

Mara Dantas observamos que Uberlândia sempre defendeu “[...] um sentimento bastante ufanista como espécie de marca identitária.”<sup>68</sup> Contida no imaginário dos pais fundadores, a ideia de progresso sempre foi um projeto político para a cidade. Esse pensamento progressista não era apenas características dos fundadores da cidade, mas sua origem remete ao “[...] século XIX, onde a cidade passou a ser tratada como problemática que exigia respostas às novas demandas capitalistas.”<sup>69</sup>

Na luta pela modernidade, a ordem e o progresso, o sentimento de pertencimento cidadão alcança o patamar mais alto no pensamento político dos sujeitos dominantes, que usam representações locais como símbolo de força e hegemonia. Isso é muito bem apropriado pelo futebol, onde há pessoas que cruzam a linha tênue entre política e cultura, movendo-se de acordo com os interesses de figuras hegemônicas. Dessa forma surgem os pequenos aglomerados de pessoas incentivadas pelo amor a cidade e as cores da bandeira desta ou daquela sua equipe e vão para o campo extravasar esse sentimento. Ao lado do campo, nos alambrados e arquibancadas, essas manifestações torcedoras geralmente eram geridas por aquele torcedor chefe, conhecido como...

[...]‘chefe de torcida’, que agrupava ao seu redor dezenas de simpatizantes [...] estes agrupamentos torcedores eram vinculados aos times, geralmente a alguém com a organização institucional do futebol, político, dirigente ou funcionários dos times. Essa forma de organização perdura entre centenas de pequenas organizações torcedoras que se proliferam ao redor dos times de futebol da atualidade.<sup>70</sup>

Podemos ver o futebol se configurando numa tríade formada por: equipe, jogadores e torcida. Com o tempo esses elementos formaram uma simbiose indissolúvel, que marca sem sombra de dúvida, o futebol como uma atividade esportiva ímpar.

Sobre o desejo de desafiar os adversários através do jogo, vemos em Huizinga que, “[...] as grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são, desde o início, marcadas pelo jogo [...]”<sup>71</sup>, o que nos mostra que os homens, desde os primórdios de sua existência têm o hábito de jogar, competir, desafiar e ser desafiado. Para Huizinga, a guerra, o culto, o esporte, são práticas humanas do jogo e muitos jogos como “[...] os jogos infantis, o futebol, o xadrez são executados dentro da mais profunda seriedade, não se verificando nos jogadores a

---

<sup>68</sup> DANTAS, 2008. p.19.

<sup>69</sup> Ibidem. p.22.

<sup>70</sup> TOLEDO, Luiz Henrique de. *Transgressão e violência entre torcedores de futebol*. Revista USP, Dossiê Futebol, n.22, p.93-101. São Paulo. Ago/1994.

<sup>71</sup> HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. Tradução: João Paulo Monteiro, Revisão de Tradução: Newton Cunha. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. 296p.

menor tendência para o riso [...] considerado em si mesmo, o jogo não é cômico nem para jogadores nem para o público”<sup>72</sup>. Essa análise corrobora para o que disse Igor Machado, quando observa que:

é mais do que uma metáfora, é, como atividade, uma forma de embate entre grupos sociais organizados de forma alternativa, marginal e anti-rotineira. O seu valor e a sua importância dizem respeito a essa capacidade de reordenar a própria ordem social, fazendo com que inimigos de classe sejam aliados no estádio, e aliados étnicos e políticos se dividam como torcedores desse ou daquele time.<sup>73</sup>

Assim, notamos a vontade de desafiar e jogar, testar limites e forças, ao mesmo tempo sendo capaz de unificar personagens em torno das cores e das bandeiras, mas ao mesmo tempo sendo capaz de separa-los, de criar certo ranço com a proximidade do diferente, do que defende símbolos e cores que não são as suas. Nisso, o despertar de um pertencimento vai se aguçando e ampliando os seus limites de abrangência, causando uma rivalidade local que se dilata para uma rivalidade regional e se extrapola a limites do estado, na medida em que a equipe vai criando condições para isso.

## **2.2 O Derby: Uberlândia E.C. x Uberaba S.C. de 1931.**

Após a emancipação da cidade de Uberlândia em relação à cidade de Uberaba, surge aí uma grande rivalidade que se estende até os dias de hoje. O *derby* entre Uberlândia e Uberaba ou Uberaba e Uberlândia era uma grande contenda regional. Quando se dava esses embates dos *onze*, geralmente o encontro era anunciado nos jornais, como também estava nos burburinhos dos cidadãos em suas conversas nas praças, nas barbearias, cafés e bares. Bandas davam o toque da animação. As bandas estavam presentes em manifestações populares que davam um grande brilho e destaque na rotina da cidade. Estreias nos cinemas, nas formaturas, inaugurações, nas chegadas dos trens com alguma figura de destaque, nas passeatas, nos eventos religiosos e nos campos de futebol da época, lá estava à banda para marcar o momento<sup>74</sup>. Com banda, festa e muita rivalidade, recebíamos adversários de outras cidades, com mais frequência da cidade de Araguari e de Uberaba, como também nossas equipes eram visitantes, como já falamos, Uberlândia e Uberaba realizavam os grandes embates regionais. Uberaba era o grande centro da região e detinha grandes equipes futebolísticas.

---

<sup>72</sup> HUIZINGA, 2019, p.7.

<sup>73</sup> MACHADO, Igor José de Renó. *Futebol, Clãs e Nação*. Dados, v.43, n.1. p.00-00. 2000.

<sup>74</sup> DÂNGELO, Newton. *Aquele povo feliz que ainda não sonhava com a invenção do Rádio: cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana – Uberlândia – 1900/1940*. Uberlândia: EDUFU, 2005. 104p.



Imagem 11 - Uberabinha S.C. – 1931 – Fonte: Acervo João Quituba – CDHIS/UFU

O melhor *team* da cidade do Zebu era a equipe do Uberaba *Sport Club*, que segundo o periódico *Lavoura e Comércio*, foi fundado em 15 de Julho de 1917<sup>75</sup>. Era a equipe criada por grandes *sportmen* da cidade de Uberaba, Antonio Fonseca e Mario de Moraes e Castro<sup>76</sup> e nascia para enfrentar grandes equipes da cidade e região. O Uberaba visitou várias cidades da região e do interior de São Paulo, assim como também fez o Uberabinha *Sport Club*, que logo veio a ser batizado de Uberlândia Esporte Clube e tantas outras equipes de nossa região, como o Fluminense Futebol Clube e o Sal Tropeiro Futebol Clube. Em particular, uma vitória do Uberabinha marca o início de uma

rivalidade entre a equipe alvirrubra da terra do Zebu e a equipe alviverde do

Uberabinha *Sport Club*. Uma vitória com “V” maiúsculo que dá o pontapé inicial para o crescimento futebolístico da cidade.

Na imagem acima, vemos a ilustração com o nome dos *players* do Uberabinha *Sport Club*, que em uma das maiores vitórias sobre o rival, venceu por 5x0. Foi um tremendo carnaval<sup>77</sup> dentro de campo, dando a equipe de Uberaba um doloroso cartão de visita. A

<sup>75</sup> LAVOURA E COMÉRCIO, 19 de Julho 1917, Ano XIX, n.1995, p.3.

<sup>76</sup> Ibidem. p.3.

<sup>77</sup> No livro *A Linguagem Popular do Futebol*, J.M.Capinussú, descreve o verbete “carnaval” como “expressão usada quando um time ou um jogador domina amplamente o adversário dando um espetáculo de beleza e virtuosismo”. Há também outros termos na gíria do futebol que são sinônimos a carnaval. São esses: baile, passeio, vareio, chocolate e sacode. Geralmente esses termos são criados e/ou usados pelos comunicadores esportivos desde o advento do rádio, chegando até a data de hoje, com transmissões cada vez mais sofisticadas, por TV em alta definição de imagem ou internet. Capinussú destaca que a linguagem do comunicador esportivo é, de fato, um desvio ou “quebra de normas impostas a qualquer outro tipo de transmissão” CAPINUSSÚ, 1988, p.15.



imprensa em Uberaba notificou a derrota histórica com muito pesar em uma coluna exageradamente extensa para uma coluna esportiva para a época. A *Columna* Esportiva se estacava com a chamada: “O ‘Uberabinha’ derrotou fragorosamente o ‘Uberaba’ por 5x0 – O 2º quadro do ‘Uberaba’ perdeu por 2x1”<sup>78</sup>. O noticiário descreve como foi a terrível visita a Uberlândia, e em determinado trecho destaca que:

Poucas vezes temos visto um quadro de “foot-ball” actuando com entusiasmo igual ao de Uberlândia, no embate de domingo.

Simplesmente assombroso!

Esses onze moços obedecendo á orientação de Wolnynho, que foi um perfeito centro atacante, foram em campo onze gigantes lutando por esse triumpho – atraz do qual o seu club corria em vão ha cerca de 14 annos!

Muito bem! <sup>79</sup>

A tarde naquele domingo foi do atacante Wolnynho<sup>80</sup>, do Uberabinha, enquanto o centro atacante da equipe adversária, o temido Juca Pato, não teve a mesma sorte. Além da apática partida do quadro principal, na qual o Lavoura e Comércio dizia “[...] que nem parecia o ‘onze’ uberabense que tanto successo fizera a pouco, em Bello Horizonte!”<sup>81</sup> O segundo *team* de Uberaba também não teve êxito, saindo derrotado por 2x1 em um partida pouco valorosa. Essa vitória repercutiu na imprensa local de ambas as cidades e deu um toque a mais naquela que seria a maior rivalidade da região do Triângulo Mineiro.

---

<sup>78</sup> LAVOURA E COMÉRCIO, 30 de Setembro de 1931, ANO XXXIII, n.5788, p.2.

<sup>79</sup> Ibidem. p.2.

<sup>80</sup> Wolnynho também é descrito em alguns registros como Wolney. O mesmo também acontece com Agenor, reconhecido em alguns registros com o cognome de Torrada.

<sup>81</sup> LAVOURA E COMÉRCIO, 30 de Setembro de 1931, ANO XXXIII, n.5788, p.2.

### CAPÍTULO 3

#### EM DIREÇÃO AO GOL: A LIGA UBERLANDENSE DE FUTEBOL AMADOR (LUFA) DE 1939.

O ano de 1939 é um ano de ascensão política na região do Triângulo Mineiro e na cidade de Uberlândia. O prefeito Vasco Giffoni em 1937 assumira como prefeito nomeado para o seu mandato<sup>82</sup>. Uberlândia já não era mais vista como uma cidade que estava à sombra de Uberaba. Os poderes políticos locais se destacavam na divulgação da “cidade progresso” do Triângulo. Aquela cidade nascida no Bairro Fundinho já deveria ser esquecida e agora necessitava-se cada vez mais pensar no desenvolvimento urbano<sup>83</sup>. Já havia diversas vilas e a problemática de não ter havido um projeto urbano quando recebe a Ferrovia Mogiana no final do século XIX<sup>84</sup>, já havia sanado com o surgimento e o crescimento dessas vilas em torno da Ferrovia como a Vila Martins (1925), Vila Operária (1925) e mais acima, seguindo pela Avenida Floriano Peixoto, a Vila Brasil (1936)<sup>85</sup>. O advento da PCR 6, a Rádio Difusora de Uberlândia, que trouxe uma nova forma de entretenimento e lazer, e claro, era um símbolo de modernidade a cidade<sup>86</sup> e assim relatou o diário de notícias:

Desde o início da idéa [sic], o snr. Aristides Figueiredo solicitou para o seu desenvolvimento, o concurso e o apolo do nosso operosos administrador municipal, dr. Vasco Gifoni que, á primeira hora, foi dos seus mais eficientes encorajadores, pois prometeu-lhe, desde logo, o concurso decidido de sua administração, tão ciosa sempre de vanguardar, as consecuções do progresso citadino e do município.<sup>87</sup>

Havia grande preocupação em divulgar uma nova cidade, seu progresso, e seu desenvolvimento. Divulgar aquela tão sonhada cidade imaginada pelos pais fundadores, que um dia seria a capital. E de fato esse assunto chegou em Uberlândia. O diário A Tribuna relatou em sua primeira página em letras grandes: “BRASIL— Capital, Uberlândia”. Segundo o diário local, a ideia central circulava em Belo Horizonte, onde o interventor do Estado de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira e o interventor do Estado de Minas Gerais, Benedito

---

<sup>82</sup> Antônio Pereira da Silva relata que em Junho de 1937, Vasco Giffoni foi eleito vereador pelo PSD e o Conselho Legislativo o nomeia para Prefeito Municipal. Com o Estado Novo Giffoni foi deposto em Novembro de 1937, mas retorna ao poder municipal em Dezembro de 1937 nomeado pelo Governador Benedito Valadares. SILVA, 2015, p.70.

<sup>83</sup> DANTAS, 2008, p.30.

<sup>84</sup> Ibidem. p.37.

<sup>85</sup> MOURA, Gerusa Gonçalves, SOARES, Beatriz Ribeiro. *A Periferia de Uberlândia/MG: da sua origem até a sua expansão nos anos 90*. Caminhos da Geografia: Uberlândia, v.10, n.32, p.22-40, Dez/2009.

<sup>86</sup> DÂNGELO, 2005. pp.26-27.

<sup>87</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 01 de Abril de 1939, n.309, Ano II. p.4.

Valadares, articulavam esse assunto da transferência da capital federal da cidade do Rio de Janeiro para Uberlândia<sup>88</sup>. Algumas mudanças já haviam acontecido no ano anterior, onde o interventor municipal, Vasco Giffoni, havia reformulado a praça central da “cidade nova”, conhecida como Praça da República, onde o jardim com plantas exóticas e formato baseado em praças europeias, modelou e dinamizou a configuração do ambiente. Após o término da obra a praça foi rebatizada e recebeu o nome do interventor do Estado de Minas Gerais, Benedito Valadares<sup>89</sup>.

Não era somente o desenho urbano que sofria influência dos poderes dominantes da cidade. Houve também um grande envolvimento desses poderes em setores culturais, onde podemos perceber através das fontes, que havia-se a necessidade de uma transformação, modificando determinadas perspectivas, tanto de setores médios da sociedade, como também da população menos abastada. Como relatou Dângelo, “[...] entretenimento, lazer e diversão estão associados ao consumo, à satisfação e à ilusão participativa dos bens culturais e materiais [...]”<sup>90</sup> e a chegada da rádio PRC-6 foi importante por proporcionar, de alguma, aos menos favorecidos, a ideia de participantes ativos desse imaginário progressista pertencente à classe dominante. O futebol citadino sempre foi vinculado às forças políticas, no entanto, acontece uma reformulação das formas de divulgar o esporte, na forma de organizar a competição local e de tratar os clubes. Naquele final de década, o futebol se encontrava como uma atividade importante, mas quem ficava ao lado do futebol no cenário esportivo de Uberlândia era o basquete. O basquete uberlandense fez sucesso ganhando torneios no interior de São Paulo. A Liga Uberlandense de Futebol Amador (LUFA) apresentou sete equipes: Fluminense, Flamengo, Athletico, Ipiranga, Guarany, Villa Nova e Uberlândia Extra.<sup>91</sup> A competição teria apenas seis equipes, mas na última reunião antes da competição foi acertada a participação da equipe do Uberlândia Esporte Clube, chamado de Uberlândia Extra.

A participação do Uberlândia era uma participação que visava criar ritmo de jogo para a equipe no torneio. No início ela receberia a equipe de melhor campanha, realizando a final e como agente facilitador para os outros participantes, independentemente do resultado dos

---

<sup>88</sup> A TRIBUNA, 26 de Abril de 1939, n.1296, Ano XXI, p.1.

<sup>89</sup> Após o término do Estado Novo em 1945, a Praça Benedito Valadares volta a se chamar Praça da República. A Praça Tubal Vilela foi tombada como Patrimônio Histórico Municipal pelo decreto nº 9.676, de 22/11/2014. Ela somente veio a se chamar Praça Tubal Vilela no ano de 1958. Sobre o desenvolvimento da Praça Tubal Vilela conferir em: <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura/patrimonio-historico/bens-tombados-e-registrados/praca-tubal-vilela/>>.

<sup>90</sup> DÂNGELO, 2005, p.33.

<sup>91</sup> A TRIBUNA, 26 de Abril de 1939. n.1296, Ano XXI. p.3.

jogos, não terão influência na contagem da pontuação dos adversários<sup>92</sup>. O Uberlândia chegou a ter um treinamento com cerca de duzentos participantes, mostrando uma abertura por possíveis talentos para o ingresso na equipe, já o Athletico inscreveu para a competição quarenta atletas<sup>93</sup>.

Apesar da superioridade dos onze do Uberlândia Esporte Clube o clube ainda estava no patamar do subprofissionalismo, como já falamos. Naquele momento o clube inscreve para o torneio da LUFA apenas jogadores revelados em suas “peneiras”. Já o quadro A, com jogadores mais experientes para jogos amistosos interestaduais ou intermunicipais. O resultado do processo de escolha foi uma equipe dinâmica e competitiva.

**LIGA UBERLANDENSE DE FUTEBOL AMADOR** 30-037  
**Uberlândia** — **L. U. F. A.** — **Est. de Minas** *bd*

Registro de inscrição n. .... do amador *Sr. José David*  
 para o Club (ou Associação) *Uberlândia extra* com sede á Rua *Cidade* N. .... nesta cidade.  
 Nome completo do amador: *José David*  
 reside ha mais de *um ano* nesta cidade.  
 Altura *1m75* Cabellos *Pretos* Nacionalidade .....  
*Regular* cor *Coloné'd*  
 Idade *34* Filiação *homeneo B. Silva*  
 Estado Civil *Casado* Profissão *Pedreiro*  
 Residencia actual *Campo do Uberlândia E.C.*  
 Inscrito em, de ..... de 1939. Vence em, de ..... de 1940

**Assinat. do amador** *José David*

Testemunhas: *José Correia*  
*Alceu*  
 Visto: *Coloné'd*

**Valida por um anno**

Presidente: ..... Tesoureiro: *S. David* Secretario, Geral: .....

Imagem 11 - Ficha de Inscrição de atleta - LUFA – 1930. Fonte: Acervo João Quituba – CDHIS/UFU.

Quando analisávamos fontes sobre a LUFA e o ano de 1939, encontramos uma ficha de inscrição do atleta José David, que naquele ano defendeu o *team* do Uberlândia Extra, equipe B do Uberlândia Esporte Clube. A ficha revela que José David era forasteiro e que

<sup>92</sup> A TRIBUNA, 26 de Abril de 1939. n.1296, AnoXXI. p.3.

<sup>93</sup> Ibidem. p.3.

estava na cidade há apenas um ano, era casado e tinha como profissão o serviço de pedreiro. Aparentemente José David era alfabetizado, pois sua ficha está assinada. A inscrição possuía a validade de um ano, como revela na parte inferior. Essas informações são interessantes, pois podemos ver a distinção do atleta dos primórdios da atividade futebolística da então Uberabinha, pertencente a classes mais abastadas, e os novos perfis de atletas com o passar dos anos 30 com a popularização e democratização da atividade. Por democratização podemos compreender não somente a participação maciça de atletas de todas as classes sociais, mas também compreendendo a “aceitação” do atleta negro.

Ainda continuando nessa abordagem, compreendemos que a falta de mais documentos como esse nos impede de levantarmos um perfil racial dos atletas amadores de Uberlândia nesse período, apesar de observarmos a partir de fotografias existentes nos arquivos consultados, a presença de atletas negros em várias equipes. Os jornais desse período também não abordavam a questões raciais de atletas. O que percebemos quando temos contato com essas fontes é que essas mídias visavam propagandear os jogos e as equipes, em especial, equipes que tinham como dirigentes figuras ilustres e representativas na vida política e econômica da cidade, como Agenor Bino, Juca Ribeiro, Tito Teixeira, Nicolau Feres, Salim Sueid, Boulanger Fonseca, ambos de pele clara, conhecidos também como os *Sportmen* da cidade, pois a estava concentrado nas mãos desses agentes a maioria das atividades esportivas da cidade. Detalhe importante a ser relatados aqui: os jornais também continham informações sobre outras atividades não tão reconhecidas como o futebol, como exemplo podemos citar a Liga de Malha e a Liga de Truco ou Truque, como era registrado, mas todas sem a relevância que o futebol e o basquete tinham no momento.

Aparentemente essas atividades eram opções de lazer que contemplavam a vida de cidadãos com renda mais baixa e pessoas que não poderiam frequentar alguns círculos sociais, como por exemplo, o UTC, o Praia Clube ou os bailes do Uberlândia Esporte Clube e posteriormente, a partir da década de 40, os bailes do Sal Tropeiro Futebol Clube. Nas fontes consultadas, poucas eram as iniciativas para a população negra, e quando apareciam, continham um viés político, nacionalista, patriótico e disciplinador.<sup>94</sup>

---

<sup>94</sup> O ESTADO DE GOIAZ, 09 de Fevereiro de 1944, n.931, Ano 12, pp. 1,4. A longa matéria com o título *O negro de Uberlândia também é gente boa*, era uma homenagem ao prefeito Vasconcelos Costa e a agremiação Tenentes Negros. O evento teve atividades durante todo um domingo, onde se realizou um almoço, confraternizações e baile à noite. Contou com a presença de militares, liberais, imprensa e políticos.

O Campeonato da LUFA de 1939 teve um caráter breve<sup>95</sup>, mas teve em sua essência um princípio organizacional e foi o germe da LUF, que oficialmente seria fundada em 1943. A diretoria teve como presidente o Sr. Benjamim de Oliveira e como vice-presidente o Sr. Antônio Pinheiro<sup>96</sup>.

A partir de 1940 os destaques jornalísticos também contemplam as atividades esportivas no Praia Clube, clube onde a elite local frequentava para seu lazer. O futebol era sempre destacado e o que mais chama a atenção é o futebol dos casados *versus* solteiros<sup>97</sup> e também o confronto dos proprietários do clube *versus* os sócios.

---

<sup>95</sup> FERREIRA, 2015, p.46.

<sup>96</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 21 de Abril de 1939, n.322, Ano 2, p.4.

<sup>97</sup> O ESTADO DE GOIAZ, 25 de Novembro de 1944, n.1015, Ano 12, p.2.

## CAPÍTULO 4

### SEGUE O JOGO: A LIGA UBERLANDENSE DE FUTEBOL (LUF).

Em 1942 um dos destaques é a presença da classe estudantil da cidade com equipes as representando. Era a chegada das equipes do Liceu de Uberlândia, O Liceu Futebol Clube e o Ginásio Esporte Clube. O campeonato contava com dez equipes: Liceu Futebol Clube, Ginásio Esporte Clube, Sal Tropeiro Futebol Clube, Flamengo Futebol Clube, América Futebol Clube, Uberabinha Esporte Clube, Fluminense Futebol Clube, Mogiana Esporte Clube, Uberlândia Esporte Clube e William Feres Esporte Clube.<sup>98</sup> Os jornais A Tribuna e O Estado de Goiaz, a época comentava um período complicado para o futebol citadino nos anos de 1940 e 1941. Odival Ferreira também coaduna com a opinião de que foram anos difíceis, principalmente para o Uberlândia Esporte Clube e relata que “Sal Tropeiro e o Fluminense pareciam mais ativos [...] que até usavam o Estádio Juca Ribeiro para os seus jogos.”<sup>99</sup>

A cidade de Uberlândia ganhara no início dos anos 40 o apelido de Cidade Menina. Foi realizado um curta documentário chamado Uberlândia, Cidade Menina. A elite local usou o filme para propagandear os feitos da elite política e econômica da cidade, onde os feitos e realizações dessa elite se destacavam. Foi uma produção da Prefeitura Municipal juntamente com a associação do comércio e indústria e Rotary Club, como também recebeu incentivos financeiros do jornal Correio de Uberlândia, voz da elite comercial a partir do ano de 1939. A partir desse investimento na propaganda local, podemos ver que o interesse claro era a busca de novos investidores para a cidade, como também instigar o cidadão local a ter uma mentalidade de pertencimento a uma cidade desenvolvida e progressista. Nesse filme de pouco mais que 23 minutos, o primeiro momento de destaque é a chegada do Prefeito Vasco Gifonni ao Palácio dos Leões, centro administrativo local.<sup>100</sup> Era necessário apresentar a interação dos agentes políticos na vida da cidade.

Manter a cidade desenvolvida também nos esportes fazia parte do pensamento dos líderes da elite local. Salientar os louros da vitória nos Jogos do Interior e também a cidade como terra dos nadadores Celso Barbosa e Albertino de Oliveira na natação era importante para que, também no campo dos esportes, o espírito de local de vitórias fosse evidenciado e

---

<sup>98</sup> O ESTADO DE GOIAZ, 17 de Maio de 1942, n.755, Ano 10, p.2.

<sup>99</sup> FERREIRA, 2015, p.55.

<sup>100</sup> UBERLÂNDIA, CIDADE MENINA. Emilio Sirkin. P.M. de Uberlândia, Rotary Clube, Associação do Comércio.Uberlândia- MG. 1940. Disponível em <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/uberlandia-cidade-menina-2/>.

anunciado<sup>101</sup>. Portanto, trazer o futebol, atividade esportiva mais popular nesse momento para perto das elites locais era de extrema importância, principalmente para a disciplinarização dos cidadãos ao pensamento da ordem, da disciplina e da fé, elite essa que, contava com o pensamento da Igreja Católica, que a partir da Constituição de 1934 onde era

necessário a interferência do laicato católico nos cargos decisórios da política local e nacional e através deste, efetuar-se-iam os ganhos da Constituição de 1934. Esses intelectuais católicos, alguns políticos, deveriam concretizar os objetivos da Igreja junto à sociedade civil, assumindo a luta contra os ateus socialistas. (A TRIBUNA, Recife, 12 de Fevereiro de 1935, p.1 apud ALMEIDA, 2007, p.278)

A imprensa local destacou um Torneio Início perfeito<sup>102</sup>. Agora era necessário esquecer as oscilações futebolísticas do ano anterior e pensar no campeonato citadino e avivar o esporte bretão da cidade. Uma primeira ação foi a fundação da Liga Uberlandense de Futebol. A fundação ocorre no dia 04 de Maio de 1942, quando foi realizada uma assembleia para que fosse escolhido o presidente da Liga e os demais diretores. Para presidir a LUF foi escolhido Moacir de Oliveira e Mauro Soares para vice-presidente. Para secretário foi escolhido José G. Fonseca e Waldemar Gomes como fiscal, restando a tesouraria para Rui Miranda.<sup>103</sup>

O jornal Correio de Uberlândia resolveu desenvolver uma enquete na cidade para detectar o clube de futebol mais querido na cidade. A regra do chamado “Concurso Surpresa [sic]” era realizar a simples opinião do em qual clube futebolístico tinha a sua simpatia. O próprio jornal tinha uma ficha de votação onde o eleitor colocava o clube e o seu próprio nome. O destaque do concurso foi às equipes do núcleo estudantil, que iniciaram a frente da preferência popular. Os colégios participantes eram núcleos de crianças das “melhores” famílias da cidade, portanto, era natural a votação expressiva dessas equipes.

A cidade passava por um crescimento significativo nesse período. O crescimento das áreas tidas como periféricas fazia de Uberlândia uma cidade de muito potencial econômico. Essa homogeneidade era vista também no futebol amador, que mantinham equipes claramente patrocinadas por grandes empresas, como o Sal Tropeiro, Mogiana e William Feres, mas também equipes mais populares, como o Fluminense, o Flamengo e o América. Existia um grande interesse em patrocinar essas equipes, no entanto, era uma atividade que tinham seus

---

<sup>101</sup> A TRIBUNA, 24 de Maio de 1942, n.1589, Ano XXIII, p.1.

<sup>102</sup> O ESTADO DE GOIAZ, 17 de Maio de 1942. n.755, Ano 10. p.2.

<sup>103</sup> Ibidem. p.2.



representantes também de locais tidos como periféricos. O Sal Tropeiro Futebol Clube construiu o seu estádio na Vila Martins, um dos bairros periféricos que teve o seu crescimento em 1939. A partir de 1940, a Vila Martins ganha a Vila Vasco Gifone como vizinha e vemos também o crescimento das vilas Fluminense e Belo Horizonte<sup>104</sup>, atualmente conhecidos como Bairro Brasil e Bairro Saraiva respectivamente. O filme *Uberlândia, Cidade Menina* narrava que “[...] a Urbe é moderna, enorme. Uma capital em reserva. Ruas calçadas, indústrias prósperas e validas, comércio intenso e moderno, uma boa emissora local.”<sup>105</sup> O discurso progressista estava a todo vapor e criar destaque a principal equipe cidadina se fazia necessário, afinal de contas a principal equipe levava o nome e as cores da cidade para as demais localidades.

Logo no início do ano de 1942 o noticiário dava a notícia que a entidade estava a “deus dará”<sup>106</sup>. Uma nova diretoria fora escolhida e o futuro do Uberlândia Esporte Clube para o ano de 1942 deveria ser diferenciada do ano anterior, sobre o sob o comando de ninguém menos que Vasco Giffoni, o interventor local, como presidente de honra e o Sr. Ademar Margonari como presidente e Tito Teixeira como vice-presidente.<sup>107</sup>

Mas a popularidade da equipe verde do Estádio da Vila Operária não estava realmente em alta. Os estudantes da cidade iniciaram o ano com prestígio no campeonato citadino e no “Concurso Surpreza” o Uberlândia Esporte estava nas últimas posições. Iniciado o citadino de 1942 ainda com desconfiança, logo fez questão de buscar amistosos com equipes de outras regiões, como a equipe paulista de Espírito Santo do Pinhal, o Goiânia Esporte Clube e o *derby* regional com o Uberaba *Sport Club*.

Em alta estava a equipe do Sal Tropeiro, que também excursionava e mantinha uma boa equipe no citadino. Destacava-se no campo, mas também junto a vida social da cidade, com atividades locais, como sua ida ao distrito de Martinópolis<sup>108</sup> e realizando bailes em sua sede local, como aconteceu em 05 de Março de 1942,<sup>109</sup> com a presença da Orquestra Sinfônica de Uberlândia.

---

<sup>104</sup> MOURA; SOARES, 2009, p.27.

<sup>105</sup> UBERLÂNDIA, CIDADE MENINA, 1940, 5’22”.

<sup>106</sup> O ESTADO DE GOIAZ, 08 de Janeiro de 1942. n.721, ano 10, p.4.

<sup>107</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 06 de Janeiro de 1942, ano III, p.4.

<sup>108</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 24 de Março de 1942, ano III, p.3.

<sup>109</sup> A TRIBUNA, 12 de Março de 1942, ano XXIII, p.4.

O Fluminense se destacara desde o final da década de 30 e era uma das equipes de muito prestígio na cidade. Dona de uma equipe muito qualificada tinha o respeito dos adversários locais e também de outros cantos da região. Não foi à toa que em 1944 recebeu a alcunha de o *Onze Cerebral*<sup>110</sup> da cidade, devido à qualidade técnica de seus jogadores. Sempre manteve boas equipes. Mas em relação ao campeonato citadino de 1942 surge uma notícia intrigante no noticiário local: a que o Fluminense estaria abandonando o campeonato citadino<sup>111</sup>. Os motivos não eram claros. Simplesmente se suspeitava de um abandono da equipe tricolor, o que de fato se concretizou. Tal ação levou também a saída do Uberabinha Esporte Clube e também do Uberlândia Esporte Clube. A coluna do jornal Correio de Uberlândia disparou contra a LUF dizendo que:

“[...] desde o início deram mostras da sua falta de tino em resolver as serias questões que tiveram desfecho no meio daquela entidade.

Se os senhores membros da Liga Uberlandense de Futebol tivessem desde o início adotado, uma medida de repressão aos diretores de certos clubes como aos jogadores indisciplinados a situação talvez seria outra muito diferente.

No entanto, os dirigentes da LUF, fraquejaram ante as exigências dos diretores de alguns “abacaxis” que disputavam o campeonato, eles os únicos culpados pela decadência do nosso campeonato.”<sup>112</sup>

Não sabemos se o campeonato teve fim. Semanas após o anúncio da saída dos clubes, aparece um torneio chamado Taça Sudan, patrocinado pela Companhia de Cigarros Sudan, com a presença do Fluminense e do Flamengo<sup>113</sup>. Era uma cópia uberlandense do maior clássico brasileiro e com o tamanho do clássico da capital nacional, assim também foi divulgado o clássico local. Na manhã chuvosa de 07 de Setembro de 1942 foi realizado o Fla – Flu local. Segundo o noticiário:

muito embora o gramado não estivesse em condições de poderem os contendores desenvolver um jogo em plena e cabal eficiência, repleto de lances emocionantes como era de se esperar, nem por isso deixou de ser agradável, e, devemos esse fato à fibra valorosa dos adversários que disputavam a partida.<sup>114</sup>

Das poucas imagens em movimento que temos do Estádio Juca Ribeiro, local da peleja entre Flamengo e Fluminense, mostra que o estádio tinha o gramado irregular, com gramado

<sup>110</sup> O ESTADO DE GOIAZ, 21 de Outubro de 1944, n.1001, ano 12, p.2.

<sup>111</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 07 de Agosto de 1942. n.975. Ano V. p.2.

<sup>112</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 27 de Agosto de 1942. n.989. Ano V. p.2.

<sup>113</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 02 de Setembro de 1942. n.993. Ano V. p.4.

<sup>114</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 09 de Setembro de 1942. n. 997. Ano V. p.3.

nas bordas do campo, mas, no centro, havia terra e pequenos tufo de grama.<sup>115</sup> Certamente o jogo não foi fácil para os atletas.

Sem a competição citadina de futebol a competição do clube de maior prestígio na cidade continuou. Teve várias alterações, mas o grande campeão foi o Sal Tropeiro com 7.138 votos. Em segundo lugar ficou o Ginásianos com 4.392 votos e em terceiro lugar o Uberlândia Esporte Clube com 3.362. O Fluminense que ultrapassou os clubes do Ginásio e do Liceu de Uberlândia e se manteve na ponta quase até o fim foi surpreendido e acabou na quarta posição.<sup>116</sup>

Até o final de 1942 não foi noticiado atividades sobre a responsabilidade da LUF, somente jogos amistosos dentro da região e disputas de “Taças” independentes em homenagem a alguma pessoa ilustre ou alguma empresa. Geralmente eram jogos entre apenas dois adversários, assim como foi o Fla – Flu local. Uma nova cartada da LUF seria dada em 1943.

---

<sup>115</sup> UBERLÂNDIA, CIDADE MENINA, 1940. 10’36”.

<sup>116</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 21 de Outubro de 1942. n. 1026. Ano V. p.1.

## CAPÍTULO 5

### A BOLA NA MARCA DA CAL: TENSÕES NA LIGA UBERLANDENSE DE FUTEBOL (LUF).

O ano de 1943 começou desafiador para os *sportmen* locais. Após o não término do cidadão, era necessário avaliar meios para que o futebol da cidade voltasse com força nesse ano. Os noticiários esportivos eram favoráveis para atletas uberlandenses em outras modalidades, como exemplo, a natação, onde os atletas Durval Teixeira, Celso Barbosa e Decio Godoy sagram-se campeões brasileiros no Rio de Janeiro.<sup>117</sup> Os atletas foram saudados por todos agentes da elite local, com todas as honrarias. Outra novidade era a nomeação do governador municipal, o senhor José Antônio Vasconcelos Costa, pelo então interventor estadual, Benedito Valadares. Vasconcelos Costa era homem de confiança de Valadares e como dizia o Correio de Uberlândia:

[...] é dos mais perfeitos executores do grande plano administrativo do snr. Benedito Valadares, tendo, já, desempenhado com real brilhantismo, os seguintes cargos: Membro da Comissão Técnica Constitutiva da Prefeitura de Belo Horizonte, Prefeito de Pouso Alegre, Advogado da Justiça Militar e Consultor Jurídico do Gabinete do Comando da Força Policial do Estado de Minas Gerais.<sup>118</sup>

Vasconcelos Costa organiza na praça central da cidade, a Praça Benedito Valadares, antiga Praça da República, um evento para parabenizar a chegada da delegação uberlandense de natação<sup>119</sup>.

Já no futebol local pouca coisa se falava nos noticiários locais. Sequer do Uberlândia Esporte Clube se tinha notícia. Falava-se das equipes de São Paulo e do Rio de Janeiro, mas nada se referiam as equipes locais. Falava-se de volei, basquete, *ping pong*, truco e até de *turf*, mas o esporte dos *onze* não gerava tantos comentários. Nem mesmo as atividades esportivas do Praia Clube, que estiveram constantemente nos noticiários locais em períodos anteriores estavam sumidos. Principal clube local, o Uberlândia Esporte Clube, encerrava o ano anterior com amistosos medianos e iniciou 1943 também sem grandes novidades, assim como o Fluminense Futebol Clube e Sal Tropeiro Futebol Clube.

---

<sup>117</sup> A TRIBUNA, 18 de Fevereiro de 1943, n. 1652. Ano XXIV. p.1.

<sup>118</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 26 de Janeiro de 1943, n.1093. Ano V. p.1

<sup>119</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 25 de Fevereiro de 1943, n.833, Ano 11. p.3

Era um ano de novidades na cidade, em especial no aspecto político. A chegada do novo prefeito mexeu diretamente com os agentes políticos e econômicos da emergente cidade e que teria também os reflexos na forma de lazer dos cidadãos. A exigência do calçamento da Avenida Floriano Peixoto a partir da Vila Operária até o aeroporto<sup>120</sup> era motivo de clamor para aqueles que frequentavam o Campo da Vila Operária, mas tal pedido apenas seria analisado pelo novo prefeito. No entanto, o grande burburinho local era a fusão do Uberlândia Clube com a Associação Atlética de Uberlândia, que nasceria o Uberlândia Tênis Clube<sup>121</sup>. Essa nova praça de esportes foi noticiada com entusiasmo pelos diários locais. O objetivo era que o novo clube uberlandense tivesse a mesma significância social e esportiva do Minas Tênis Clube de Belo Horizonte<sup>122</sup> e que não somente proporcionasse as atividades esportivas, mas também contribuísse para a disciplinarização da sociedade. O homenageado e presidente de honra do clube foi o então interventor estadual Benedito Valadares. Em Uberlândia, o *sportman* Boulanger Fonseca e Silva foi consagrado diretor geral do Departamento Esportivo, na qual Odival Ferreira disse “[...] que naquele momento começava a se consolidar a obra de um dos maiores, senão o maior de todos os operários que construíram a história esportiva de Uberlândia [...]”<sup>123</sup> Não podemos perder de vistas, que criar essas ações de construções de praças esportivas era uma ação do Estado, e que contava com todo apoio do município e os integrantes da sociedade civil, criando uma tríade administrativa: Estado, Município e Sociedade.<sup>124</sup>

Mas não foi somente na criação dessa praça de esporte que as políticas de Estado estiveram presentes. É nesse ponto que retornamos aos interesses do futebol local. O diário Correio de Uberlândia noticia que:

a Federação Mineira de Futebol tendo em vista que o campeonato deverá iniciar-se ainda este mês, determinou a a(sic) abertura das inscrições até doze do corrente para os clubes filiados ou não, afim de que os mesmos sejam classificados em divisões de acordo com as normas do Conselho Nacional dos Desportos.<sup>125</sup>

Essa notícia divulgada pelo jornal local foi emitida em Belo Horizonte pela agência Asapress dois dias antes de sair em Uberlândia, possivelmente, convocando as equipes para se

<sup>120</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 28 de Março de 1943. n.842. Ano 11. p.1.

<sup>121</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 25 de Março de 1943. n.841. Ano 11. pp 1,3.

<sup>122</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 24 de Março de 1943. n.1136. Ano VI. p.4.

<sup>123</sup> FERREIRA, 2015, p.57.

<sup>124</sup> Cf. <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=446564&view=detalhes>>. Acesso em 25/10/2020.

<sup>125</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA. 12 de Março de 1943. n.1126. Ano VI. p.1.

inscreverem na federação de futebol do Estado para um nivelamento ou ranqueamento. Isso mostra mais uma ação do Estado em gerenciar as atividades esportivas.

Diante desse cenário o Conselho Nacional de Desportos, através dos mecanismos de gerenciamento da ordem desportiva, conseguia controlar a vida não somente dos indivíduos, mas também de clubes profissionais e amadores através de municípios e de federações cidadinas. Destacou Eduardo Manhães que “[...] o Estado é mais que cérebro, constitui-se cérebro e sistema nervoso, mantendo sob controle as diversas funções [...]”<sup>126</sup> O Estado intencionalmente estaria confeccionando uma teia hierárquica, envolvendo atletas que se filiavam a ligas locais, que se filiavam a ligas regionais, que aumentavam o grau de filiação nas entidades estaduais e que, por fim, chegavam a instância máxima. Não nos deteremos em analisar os meandros por dentro dessa teia, mas é de suma importância compreender essas interações para que se esclareça o motivo da (re)fundação da Liga Uberlandense de Futebol no ano de 1943, sendo, que um ano antes ela já havia sido fundada como LUF – Liga Uberlandense de Futebol.

O ano de 1943 foi mesmo de crise no futebol uberlandense. O Correio de Uberlândia dizia: “Simplesmente lastimável, o pé em que anda o futebol.”<sup>127</sup> O colunista do diário claramente e de forma insistente, coloca todos os revezes do futebol uberlandense na política. Ele assim continua:

Desde que a política impiedosa bateu às portas das canchas, Uberlândia não assistiu a outra coisa, senão a lutas de menosprezo em matéria de futebol. [...] São esses lobos ocultos em peles de carneiro que prejudicaram lamentavelmente nosso bom nome esportivo, e deslustram ainda, a flâmula de nosso justo e merecido orgulho. Nem torneio da vitória, nem torneio de coisa nenhuma. Nosso futebol não passa de uma velha carcaça abandonada à merce do furacão. Foi-se um grande pedestal. A política imponderada venceu e os politicoides podem beber agora, na taça da indiferença o líquido venenoso de seus feitos. <sup>128</sup>

A tentativa de criar um torneio denominado “Torneio da Vitória” no “reaparecimento” do futebol ano de 1943, não teve êxito a primeiro momento. A principal equipe da cidade, o Uberlândia Esporte Clube, que estava com suas atividades realmente paradas, passou por uma reformulação na diretoria. O Estádio Juca Ribeiro estava passando por reformas nesse período. Nessa mesma edição foi definida por intermédio do Prefeito Vasconcelos Costa, a

<sup>126</sup> MANHÃES, Eduardo Dias. *Política de Esportes no Brasil*. 2ªed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 260p.

<sup>127</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA. 16 de Junho de 1943. n.1194. AnoVI. p.2.

<sup>128</sup> Ibidem. p.2.

fundação da LUF – Liga Uberlândense de Futebol e Boulanger Fonseca e Silva, o Presidente e Nicolau Feres, Vice – Presidente.<sup>129</sup> O diário A Tribuna relatou assim: “O nosso futebol já está filiado a Federação Mineira de Futebol. A Liga Uberlandense de Futebol está tomando as devidas providências para o início do cidadão.”<sup>130</sup> Já o Correio de Uberlândia destacou o Prefeito José Antônio de Vasconcelos Costa como o Presidente de Honra da Liga Uberlandense de Futebol.<sup>131</sup> Participaram da Fundação da LUF em 1943: Uberlândia Esporte Clube, Sal Tropeiro Futebol Clube, Flamengo Futebol Clube, Fluminense Futebol Clube, Guarani Futebol Clube. Willian Feres Futebol Clube, Praia Clube, Associação A. Do Comércio Mário Porto, Ass. Ginasiana Esportiva e Cultural e Associação Ginasiana Brasil Central.<sup>132</sup>

Assim, como foi em 1942, participaram dez equipes. Nessa lista não consta o Uberabinha Futebol Clube, a Mogiana Esporte Clube, o Liceu Futebol Clube e o Ginásio Esporte Clube. Não sabemos se alguma equipe de nome de Associação Ginasiana veio da equipe do Ginásio Esporte Clube mas possivelmente pode haver alguma relação. Não encontramos nenhuma documentação que possa criar uma relação entre as equipes. Lembremos que em 1942 o Uberabinha Futebol Clube não tinha nenhuma relação entre o antigo Uberabinha *Sport Club* que deu origem ao Uberlândia Esporte Clube.

Devido todos atrasos do confuso ano de 1943 para o futebol de Uberlândia, o campeonato cidadão iniciou-se no final do mês de novembro.<sup>133</sup> O ano finaliza com o futebol cidadão buscando organizar o campeonato local, proporcionando as equipes a possibilidade de disputa locais, já que somente o Sal Tropeiro Futebol Clube, o Uberlândia Esporte Clube, o Flamengo Futebol Clube e o Fluminense Futebol Clube estiveram em atividade durante o ano excursionando pela região. O Uberlândia Esporte finaliza o ano com o Estádio Juca Ribeiro em reforma e cuidando do gramado. A equipe do Praia Clube manteve seus jogos no clube durante o ano de 1943. Os famosos casados contra solteiros entre os sócios do clube permitiu a presença do clube no campeonato cidadão de 1943 com uma equipe competitiva.

Inicia-se 1944 ainda com disputa do campeonato cidadão que havia iniciado em novembro de 1943. Os jornais quase não noticiam as rodadas do campeonato local e muito

---

<sup>129</sup> O ESTADO DE GOYAZ. 08 de Setembro de 1943. n.888. Ano 11. p.3.

<sup>130</sup> A TRIBUNA. 26 de Agosto de 1943. n.1700. Ano XXIV. p.3.

<sup>131</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA. 15 de Agosto de 1943. n.1229. Ano VI. p.4.

<sup>132</sup> O ESTADO DE GOYAZ. 11 de Setembro de 1943. n.889. Ano 11. p.2.

<sup>133</sup> A TRIBUNA. 04 de Dezembro de 1943. n.1725. Ano XXV. p.2.

menos citam os empasse ocorrido no ano anterior. O jornal O Estado de Goiaz cita a partida final do cidadão iniciado no ano anterior. O jogo final foi entre Uberlândia Esporte Clube e Sal Tropeiro Futebol Clube, com vitória da equipe da Vila Operária por 2x1, tento decisivo realizado na prorrogação. No tempo normal a peleja terminara em 1x1.<sup>134</sup> Chegava assim ao final o primeiro campeonato amador realizado pela LUF, sob a tutela da Federação Mineira de Futebol – FMF. Uma semana depois da realização da final do cidadão de 1943 a Federação Mineira de Futebol, sob comando do Sr. Saint-Clair Valadares Júnior, envia um ofício ao Prefeito Vasconcelos Costa informando que a cidade de Uberlândia será sede regional de futebol de algumas cidades da região, como: Araguari, Estrela do Sul, Tupaciguara, Toribaté<sup>135</sup>, Prata, Ituiutaba, Campina Verde e Indianópolis<sup>136</sup>, como também irá sediar um torneio envolvendo equipes destas cidades<sup>137</sup>. Dias depois a cidade recebe a visita do governador Benedito Valdares. O jornal A Tribuna do dia 19 de Fevereiro de 1944 revela que um dos objetivos da vinda do Governador a cidade era a inauguração da Praça de Esportes Minas Gerais, o Uberlândia Tênis Clube - UTC. O periódico também destaca que reuniram em praça pública vinte mil pessoas para saudar o governador<sup>138</sup>.

Fato curioso ocorrido no mês de Fevereiro de 1944 foi descrito por Odival Ferreira. Uma disputa entre o Flamengo Futebol Clube e Uberlândia Esporte Clube para ver quem garantiria “[...] a Taça Vasconcelos Costa, que fora oferecida pelo Armazém Cauhy [...]”<sup>139</sup>. No entanto, Odival não fala o resultado das partidas mas apresenta um dado que destoa com a notícia do jornal local, o fato de que era o Flamengo e o Uberlândia os primeiros colocados em uma competição local. Desarmoniza com o fato apresentado que o Sal Tropeiro foi o finalista do campeonato da LUF e não o Flamengo. Era comum o oferecimento de taças independentes, como noticiou O Estado de Goiaz ao divulgar a peleja entre a Seleção da LUF e o Uberlândia Esporte Clube. A taça em disputa era oferecida pelo Sr. Francisco Merola Jr.<sup>140</sup> Então, provavelmente o Flamengo havia sido campeão de alguma “taça” oferecida em paralelo ao campeonato da LUF, apesar de ser mera hipótese, já que não encontramos nenhum documento informando o título da equipe rubro negra naquele período.

---

<sup>134</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 26 de Janeiro de 1944. n.927. Ano 12. p. 4.

<sup>135</sup> Pelo decreto-lei estadual nº 1058, de 31 de Dezembro de 1943, a cidade de Monte Alegre passava-se a chamar Toribaté. Em 27 de Dezembro de 1948, pela lei 336, Toribaté tomou o nome de Monte Alegre de Minas.

<sup>136</sup> A TRIBUNA, 06 de Fevereiro de 1944. n.1741. Ano XXV. p.1.

<sup>137</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 05 de Fevereiro de 1944. n.930. Ano 12. p.3.

<sup>138</sup> A TRIBUNA, 19 de Fevereiro de 1944. n.1743. Ano XXV. p.2.

<sup>139</sup> FERREIRA, 2015, p.57.

<sup>140</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 05 de Fevereiro de 1944. n.930. Ano 12. p.2.



O campeão Uberlândia Esporte Clube estava sem mandar os seus jogos em casa. O jogo contra o Sal Tropeiro na final do cidadão havia sido fora de casa. Os *onze* da Vila Operária acertava um amistoso contra o São Paulo Futebol Clube para inauguração do seu novo gramado. Não encontramos se houve o jogo contra o tricolor da capital paulista, mas encontramos um jogo do Uberlândia Esporte contra o Operário de Araguari, onde o jogo não chegou ao final dos 90 minutos pois torcedores jogaram objetos no campo, quando a equipe de Uberlândia perdia por 3x2 da equipe araguarina.<sup>141</sup>

Em 26 de Março de 1944, acontece o Torneio Início do campeonato amador da cidade. Participam do Torneio Início as equipes do Uberlândia Esporte Clube, Fluminense Futebol Clube, Praia Clube, Flamengo Futebol Clube, William Feres Futebol Clube, Sal Tropeiro Futebol Clube, Uberabinha Futebol Clube e Guarani Futebol Clube<sup>142</sup>. Analizando algumas rodadas do campeonato de 1944 notamos também a presença do Mundo Elegante Futebol Clube e também do Comercial Futebol Clube.<sup>143</sup> Não devemos confundir esse Comercial com a equipe homônima que enfrentou o Uberlândia Esporte Clube dias depois.<sup>144</sup> O Comercial que enfrentou o Uberlândia Esporte Clube, segundo o jornal O Estado de Goiaz era o Comercial da capital paulista, fundado em 1939. Odival Ferreira narra um jogo do Uberlândia Esporte Clube na mesma data descrita no jornal, também contra uma equipe chamada Comercial, mas não o Comercial da capital de São Paulo e sim o homônimo interiorano da cidade de Ribeirão Preto. Ambos descreveram que a equipe do Uberlândia Esporte Clube perdeu pelo placar elástico de 5x1. O Comercial Futebol Clube de Uberlândia era uma equipe formada pela Associação dos Empregados do Comércio.<sup>145</sup>

Com oito equipes jogando entre si em dois turnos, o campeonato de 1944 se destacou pela competitividade dos três principais clubes da cidade: Uberlândia Esporte Clube, Sal Tropeiro Futebol e Fluminense Futebol Clube. Ambos eram destaques na imprensa local, sendo que os dois primeiros excursionaram e também receberam equipes de outros estados e cidades em Uberlândia. O Fluminense já fora elogiado como o *Onze Cerebral*. Em comparação com equipes mais modestas como novato Comercial, o Mundo Elegante e o William Feres, o trio de ouro das equipes da cidade realmente dava trabalho para as equipes locais.

---

<sup>141</sup> A TRIBUNA, 09 de Março de 1944. n.1748. Ano XXV. p.3.

<sup>142</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 01 de Abril de 1944. n.946. Ano 12. p.4.

<sup>143</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 24 de Outubro de 1944. n.1002. Ano 12. p.2.

<sup>144</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 28 de Outubro de 1944. n.1004. Ano 12. p.2.

<sup>145</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 14 de Outubro de 1944. n.998. Ano 12. p.2.

A final foi um *replay* da última temporada; Uberlândia Esporte Clube *versus* Sal Tropeiro Futebol Clube. A imprensa local chamava o clássico de *Choque-Rei*, assim como era chamado o clássico paulista entre a Sociedade Esportiva Palmeiras e São Paulo Futebol Clube. O *Choque-Rei* uberlandense se repetiu pelo segundo ano consecutivo com o campeonato amador da cidade sob a chancela da FMF. Novamente Uberlândia Esporte Clube foi campeão. Realmente era difícil enfrentar um time com uma estrutura como a do Uberlândia.

A organização do campeonato citadino havia melhorado no ano 1944 em relação as temporadas de 1942 e 1943. No entanto faltava resolver um outro problema: controle de arbitragem. Esse foi um sério problema no ano de 1944, pois se reclamava da parcialidade desses arbitros, pois muitos eram diretores e até mesmo atletas de equipes escritas no campeonato. A coluna no jornal dizia:

Porque motivo deixa a Liga de resolver tão magno problema cuja solução redundaria num êxito absoluto, pois cessariam as incógnitas tão comuns no início de cada jogo em disputa do Campeonato Uberlândense de Futebol?

Geralmente, após os clubes em campo, os dirigentes dos mesmos e diretores da Liga desconhecem qual será o arbitro da peleja.

Em dado momento alguém aponta o dedo para o lado das arquibancadas e diz: - Olhe lá o Pedro, ele assistiu o jogo do Palmeiras contra o São Paulo. Deve ser bom juiz.

Então começa o lufa-lufa até que o sorteio decida, a descontento de todos.

É preciso que a LUF acabe com êsse estado de coisas: e já que de fato está se movimentando, não deve de deixar resolver o assunto que apesar de ser difícil e moroso, estaria a altura da capacidade construtiva de seus dirigentes.<sup>146</sup>

Esta aí o grande desafio para a próxima temporada. Havia-se um alto grau de contentamento com a Liga Uberlandense de Futebol e o campeonato citadino do ano de 1944, no entanto, havia-se um alto grau de dúvidas a cerca dos árbitros. Cobrava-se um quadro de árbitros oficiais e que arbitrassem os jogos com imparcialidade. O ano terminava com equipes se reforçando para o próximo ano e fazendo bons prognósticos.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 09 de Novembro de 1944. n.1008. Ano 12. p.2.

<sup>147</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 30 de Dezembro de 1944. n.1028. Ano 13. p.3.



Imagem 12 - Homenagem às equipes participantes do Campeonato de 1944. Jornal Correio de Uberlândia - 1944. Fonte: Arquivo Público de Uberlândia – ArPU.

No início do ano de 1945 a diretoria da LUF passou por uma mudança. O Sr. Geraldo Narciso assumiu a presidência da Liga sofrendo pressões externas. Desejava a existência de um quadro extra de cada equipe para montar um campeonato paralelo, uma espécie de divisão “B” do cidadão. Os jogos ocorreriam como jogos preliminares no quadro “A”. O segundo problema enfrentado naquele momento, era a exigência do Uberlândia Esporte Clube em cobrar um valor das equipes por estar usando seu Estádio. Lembremos que o Uberlândia Esporte Clube ficara sem campo no final de 1943, onde houve melhorias no gramado. O Campo do Sal Tropeiro ainda não estava pronto.<sup>148</sup> Havia-se aí um grande empecilho para iniciar o cidadão de 1945 e o Torneio Início já estava agendado.

No dia 28 de Fevereiro daquele ano aconteceu uma reunião com o prefeito José Antônio de Vasconcelos Costa e os presidentes de clubes futebolísticos da cidade. Encontravam-se presente os dirigentes dos seguintes clubes: Uberlândia Esporte Clube, Sal Tropeiro Futebol Clube, Atlético Futebol Clube, Industrial Futebol Clube, Palmeira Futebol Clube, Flamenguinho Futebol Clube, Irmãos Simão Esportivo, Bazar dos Esportes Futebol Clube, Atlético Futebol Clube, Flamengo Futebol Clube, Uberabinha Futebol Clube, William Feres Futebol Clube, Comercial Futebol Clube e Fluminense Futebol Clube.<sup>149</sup> Estavam todos relacionados à Liga Uberlandense de Futebol e da recém criada Liga Infante Juvenil de

<sup>148</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 24 de Fevereiro de 1945. n.1043. Ano 13. p.2.

<sup>149</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 28 de Fevereiro de 1945. n.1601. Ano IX. p.4.

Futebol, fundada dias antes com grande euforia e contava como presidente Salim Suad e o prefeito Vasconcelos Costa como presidente de honra.<sup>150</sup>

A pauta principal da reunião dos clubes com o prefeito era a organização do campeonato de futebol local. Apareceu no escrito jornalístico nomes de clubes até então desconhecidos por nós, possivelmente eram clubes ligados a Liga Infante Juvenil. Podemos ver, por exemplo, o Flamengo Futebol Clube e o Flamenguinho Futebol Clube, possivelmente sendo uma versão *dente de leite*<sup>151</sup> do Flamengo. Equipes como o Industrial Futebol Clube, Irmãos Simão Futebol Clube e Atlético Futebol Clube soam como novidade, pois não havíamos encontrado o nome desses clubes em outros documentos.

Sem grandes novidades para aquela semana, os jornais apenas noticiaram o amistoso intermunicipal do Uberlândia Esporte Clube, que enfrentaria o Esporte Clube Merceana, equipe que se consagrou vice-campeã da cidade de Uberaba. Destacava também a estreia de jogadores para reforçar a equipe no ano de 1945. Destaque para Pedrinho vindo do Estado de São Paulo.<sup>152</sup>

O Torneio Início de 1945 aconteceu em 25 de Março. A tabela contava com Uberlândia Esporte Clube, Fluminense Futebol Clube, Sal Tropeiro Futebol Clube, Flamengo Futebol Clube e Comercial Futebol Clube<sup>153</sup>. Realmente o início não veio a ser promissor. O Torneio Início ocorreu mas foi um fiasco. A Liga se pronuncia dizendo que o campeonato estaria suspenso por tempo indeterminado. Os futebolistas de Uberlândia já conheciam essa história. Novamente críticos questionaram a chuva, a política, a direção da Liga Uberlandense de Futebol e a arbitragem pelo péssimo início. Quanto à questão da arbitragem, em coluna paralela na mesma edição, a Liga informa que estaria providenciando uma escola de arbitragem<sup>154</sup>. Como ação corretiva a LUF foi buscar nas cidades vizinhas árbitros para apitar as partidas iniciais do campeonato citadino. Enquanto isso, campeonato parado. Somente as equipes infante juvenis estavam pelejando entre si.<sup>155</sup> O Uberlândia Esporte Clube nesse meio

---

<sup>150</sup> Ibidem. p.4.

<sup>151</sup> Denomina-se dente de leite a categoria amadora de futebol para crianças com faixa etária de 12 anos. Cf. CAPINUSSÚ, 1988, p.67.

<sup>152</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 17 de Março de 1945. n.1613. Ano IX. p.1.

<sup>153</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 17 de Março de 1945. n. 1049. Ano 13. p.2.

<sup>154</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 29 de Março de 1945. n.1620. Ano IX. p.2.

<sup>155</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 01 de Abril de 1945. n.1621. Ano IX. p.4.

tempo realizou uma partida amistosa contra a equipe do Vila Nova Futebol Clube, da cidade de Formiga-MG e agendou um outro amistoso contra o Fluminense local.<sup>156</sup>

Não encontramos na documentação algo que relacione as instabilidades do futebol local com a instabilidade vivida no governo de Getúlio Vargas. A sociedade pedia anistia ampla e irrestrita e uma abertura democrática. Os jornais locais trazem em suas páginas o movimento da elite política local e seu comportamento. Foi somente no meio do mês de Abril de 1945 que o jornal O Estado de Goiaz, de circulação na cidade de Uberlândia, recebe um ofício da Liga Uberlandense de Futebol questionando uma entrevista realizada ao jornal Lavoura e Comércio da cidade de Uberaba, na qual questiona a conduta de um senhor que desmoralizou a LUF para a cidade vizinha. O jornal uberlandense nega que autorizou o Sr. Elias Adaime a falar em nome do jornal O Estado de Goiaz<sup>157</sup>. O clima ficou indigesto entre esse órgão da imprensa local e a LUF. Aparentemente a LUF passava por uma crise política interna, pois dias antes o jornal Correio de Uberlândia soltou a seguinte nota:

Segundo fomos informados o sr. Vice-Presidente da LUF suspendeu as reuniões por prazo indeterminado; para acalmar o movimento dos “cornêtas do leva e traz...”. Aquêlê dirigente prometeu dóravante agir com critério, conforme mandam os regulamentos da FMF; pois, estava agindo por votação para acalmar os ânimos, e desta feita resolveu, pôr o preto no branco, ficando a LUF, desta data em diante com o lema “Lei julgado com critério todo caso que aparecer...Dar a Cesar o que fôr de Cesar.”<sup>158</sup>

Mais a frente ainda destacou que:

“Brevemente será resolvido a situação de árbitros em Uberlândia. Basta que a LUF tome por base, as responsabilidades pessoais da pessoa encarregada de arbitrar uma partida, pessoa essa que tenha senso de responsabilidade e critério [...]”<sup>159</sup>

Não somente a LUF respirava política. Os jornais da época, claramente, apresentavam uma forte campanha pró General Eurico Gaspar Dutra para a presidência do país. Como disse Newton Dângelo, “[...] notamos fortes indícios de como a cidade, pelo menos a sua porção mais rica, leitora de jornais, via-se a si mesma e fazia circular informações que alimentavam rodas de conversas nas praças ‘chics’ da cidade [...]”<sup>160</sup>, portanto, o que saía nos jornais locais

---

<sup>156</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 07 de Abril de 1945. n.1054. Ano 13. p.2.

<sup>157</sup> O ESTADO DE GOYAZ, 21 de Abril de 1945. n.1058. Ano 13. p.2.

<sup>158</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 04 de Abril de 1945. n.1623. Ano IX. p.3.

<sup>159</sup> Ibidem. p.3.

<sup>160</sup> DÂNGELO,2005, p.49.

geravam um burburinho entre os moradores, e certamente, política e futebol eram ou pareciam ser as duas faces de uma mesma moeda. Na primeira semana de maio de 1945, as colunas políticas e esportivas estavam lado a lado no jornal O Estado de Goiaz. Falava-se das eleições presidenciais, de Getúlio Vargas e Luiz Carlos Prestes, enquanto na coluna esportiva também era uma eleição que ganhava destaque, a eleição da Liga Uberlandense de Futebol.<sup>161</sup> Naquele momento o campeonato local ainda se encontrava paralizado e era necessário corrigir alguns problemas. Enquanto a nova diretoria ainda não trabalhara, as equipes locais procuravam realizar partidas amistosas, caso do Uberlândia Esporte Clube, que no seu campo recebeu a Portuguesa da cidade de Ribeirão Preto. Novamente a crítica jornalística recaía sobre a atuação do árbitro, que segundo o periódico, “o juiz é que não se portou à altura.”<sup>162</sup>

Com a diretoria renovada seguia-se a necessidade da Liga em apressar em realizar o citadino daquele ano e seguir o exemplo da Liga Infante Juvenil que a muito estava com a suas atividades vívidas. Além de contar com prestígio a Liga Infante Juvenil, contava com o apoio político local, em especial, do prefeito Vasconcelos Costa. O jornal Correio de Uberlândia noticiou que acontecera um evento cívico-esportivo promovida pela Liga Infante Juvenil. Nessa iniciativa podemos notar o tão quanto estava amalgamado política e futebol, como mesmo disse o jornal:

Num magnífico exemplo de compreensão das altas finalidades do esporte de adestrar o corpo para vida diaria sem descuidar de preparar o espírito para os altos interesses da Patria, aquela parada esportiva decorreu num ambiente de absoluta ordem e se revestiu de um brilho invulgar.<sup>163</sup>

Sobre a questão esporte e educação moral e cívica, Eduardo Dias Manhães diz que:

a estrutura desportiva e os esportes merecem ser objeto de constante e conveniente disciplina, para que se torne o desporto “educativo” praticado com os princípios da moral cívica, levando desportistas e suas entidades a viverem dobrando-se aos limites, normas e regras destas.[...] “Educativo” é o esporte não apenas praticado sem ferir as normas cívicas e morais. É principalmente porque, representando a alta expressão da nacionalidade, é campo criativo de instrumentos enriquecedores da própria moral cívica. [...] Não deve o esporte somente se dobrar à moral cívica, mas, principalmente, reforçá-la.<sup>164</sup>

Na busca desse trabalho disciplinador, a Liga Infante Juvenil não media esforços para alcançar um alto patamar “educativo”. Já a Liga Uberlandense de Futebol, ainda que também

---

<sup>161</sup> O ESTADO DE GOIAZ, 05 de Maio de 1945. n.1063. Ano 13. p.4.

<sup>162</sup> O ESTADO DE GOIAZ, 08 de Maio de 1945. n.1045. Ano 13. p.4.

<sup>163</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 10 de Maio de 1945. n.1647. Ano IX. p.4.

<sup>164</sup> MANHÃES, 2002, p.94.

“bebesse” da mesma fonte de ideia, não conseguira emplacar com tanta destreza esse caráter disciplinador. Ordem e disciplina foram palavras para definir o jogo amistoso entre Uberlândia Esporte Clube e Merceana. Foram tecidas palavras de elogio para o espetáculo e para o árbitro da partida. Nessa mesma edição apresentava uma data para início do campeonato amador de 1945; seria colocada a bola no círculo central no dia 10 de junho de 1945, com Sal Tropeiro F. C. *versus* Comercial F.C e a réplica do clássico carioca, Fla x Flu.<sup>165</sup> Dias depois o Correio de Uberlândia também trazia as palavras “ordem e disciplina” e declarava prognósticos positivos para a equipe do Sal Tropeiro F. C. nessa primeira rodada.<sup>166</sup> O prognóstico do jornal local realmente foi *por água abaixo*. Uma zebra!<sup>167</sup> A equipe da Vila Osvaldo perdeu por 4x1 para o Comercial, em uma partida, da qual mais uma vez a arbitragem foi assunto. Elogiado na primeira etapa e muito criticado na etapa complementar, o árbitro da partida, Maximiano Carneiro Cury, foi acusado de ter sido dois juízes em um corpo somente. Outro fato negativo da peleja foi o jogo indisciplinar de Sereno, *back* da equipe do Sal Tropeiro. Disse o jornal a respeito do defensor, Sereno: “Deus me livre, si aquilo tem alguma coisa de serenidade.”<sup>168</sup> Já o clássico, Fla x Flu, ganhou a equipe tricolor da Vila Brasil, o Fluminense, pelo placar apertado de 3x2, em um jogo pobre tecnicamente.<sup>169</sup>

O caso do jogador Sereno foi mais adiante. Juntamente com outros jogadores considerados violentos, foram destaque na reunião oficial do Tribunal de Penas da LUF. Em nota oficial sobre as atividades da LUF, a pauta era resolver problemas de violência de atletas, problemas de inscrições de atletas oriundos de outras equipe e estados, como também, a aprovação de próximos jogos.<sup>170</sup>

Dias depois aparece a notícia de um grupo de pessoas que faziam dos jogos do campeonato uma banca de apostas. Em ritmo de mercado negro as apostas colocavam pareado o jogo de azar com os jogos do campeonato citadino. Destaca-se também o abuso de violência por parte de alguns jogadores. Um ou outro abusava de faltas violentas e eram chamados de “pugilistas”.<sup>171</sup> A fim de coibir a violência entre os atletas, o jornal O Estado de Goiaz promove o concurso para jogador mais disciplinado. Consistia em voto aberto da população

---

<sup>165</sup> O ESTADO DE GOIAZ, 06 de Junho de 1945. n.1072. Ano 13. p.2.

<sup>166</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 10 de Junho de 1945. n.1670. Ano IX. p.4.

<sup>167</sup> Na linguagem popular do futebol a zebra acontece quando aquela equipe considerada fraca consegue um resultado positivo sobre a equipe mais forte ou a equipe favorita. Cf. CAPINISSÚ, 1988, p.124.

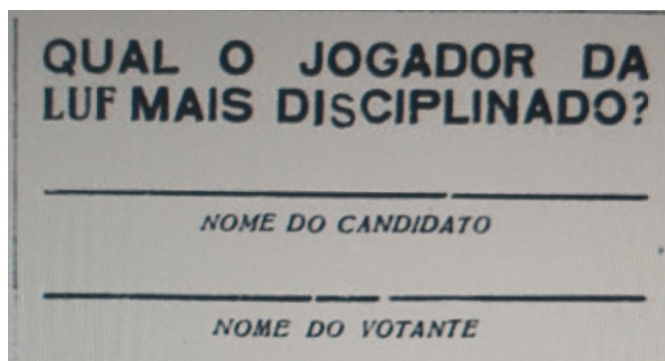
<sup>168</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 12 de Junho de 1945. n.1671. Ano IX. p.4.

<sup>169</sup> Ibidem. p.4.

<sup>170</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 20 de Junho de 1945. n.1677. Ano IX. p.4.

<sup>171</sup> O ESTADO DE GOIAZ, 23 de Junho de 1945. n.1077. Ano 13. p.2.

local em uma urna que ficaria a disposição em um comércio do centro da cidade, a Casa Guimarães. Para o mais disciplinado seria dado um prêmio de Cr\$500,00, para o segundo colocado Cr\$300,00 e para o terceiro colocado Cr\$200,00, tudo financiado por um grupo de comerciantes locais.<sup>172</sup>



**Imagem 13 - Cédula para escolha do atleta mais disciplinado. Jornal Correio de Uberlândia – 1945. Fonte: Arquivo Público de Uberlândia – ArPU.**

O campeonato local seguiu tranquilamente suas rodadas, poucas mudanças aconteceram. Na cidade o destaque era a mudança de nome do bairro onde fica o Estádio Juca Ribeiro, onde antes era conhecido como Vila Operária, agora já se chamava Vila Nossa Senhora Aparecida, devido a Catedral de Nossa Senhora Aparecida, construída no coração do bairro.<sup>173</sup> Nesse mesmo período foi destaque o anúncio da partida entre Palmeiras *versus* Uberlândia Esporte Clube, marcado para o dia 19 de Agosto. Esse Palmeiras é a Sociedade Esportiva Palmeiras da capital de São Paulo. Odival Ferreira relata que “[...] esse Palmeiras era mesmo o de São Paulo, campeão da temporada de 1944.”<sup>174</sup> Com o visitante ilustre o Uberlândia Esporte fez logo o papel de bom anfitrião. Promoveu uma reforma radical em seu Estádio. A visita do clube paulistano mexeu com o pacato cotidiano da cidade, onde o comércio local, os bares e cafés da cidade só se falavam do jogo do dia 19. Até mesmo cidades vizinhas se movimentaram e alguns queriam entradas para o confronto no Estádio da agora Vila Nossa Senhora Aparecida.<sup>175</sup> O Uberlândia Esporte Clube estava motivado para o encontro contra o Palmeiras e vinha embalado pela goleada frente ao Sal Tropeiro Futebol Clube por 7x2<sup>176</sup>. Um massacre! No esperado jogo contra a Sociedade Esportiva Palmeiras, o

<sup>172</sup> O ESTADO DE GOIAZ, 07 de Julho de 1945. n.1081. Ano 13. p.2.

<sup>173</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 31 de Julho de 1945. n.1706. Ano IX. p.3.

<sup>174</sup> FERREIRA, 2015, p.60.

<sup>175</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 09 de Agosto de 1945. n.1712. Ano IX. p.3.

<sup>176</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 15 de Agosto de 1945. n.1716. Ano IX. p.3



Uberlândia Esporte Clube se segura bem, mas na segunda etapa acaba levando um gol, vitória pequena do time paulistano.

Depois da visita da equipe do Palmeiras, o cidadão retorna a sua normalidade. No início do mês de Setembro a Liga Uberlandense de Futebol solta uma nota contendo os embates do segundo turno do campeonato local. Na mesma edição anuncia a abertura de vagas para a escola de árbitros.<sup>177</sup> Essa segunda notícia era um alívio para os críticos ferrenhos da arbitragem local. Após isso, pouco se falou do cidadão nos jornais locais, pois a única equipe citada era o Uberlândia Esporte Clube e seus amistosos.

No jornal Correio de Uberlândia de 01 de Novembro de 1945 aparece o final do campeonato local, onde a equipe do Uberlândia Esporte Clube se sagrava tricampeã de futebol da cidade de Uberlândia. Entraria em campo contra o Fluminense Futebol Clube somente para cumprir o compromisso receber a faixa de campeão local. A equipe da Vila Nossa Senhora Aparecida era campeã invicta da competição<sup>178</sup>. Também chegava ao fim o campeonato da Liga Infante Juvenil, o campeão da modalidade foi o Juventus e o vice-campeão o Botafogo.

Já o concurso de atleta mais disciplinado teve como campeão – Ico - do Uberlândia Esporte Clube. O segundo colocado foi Toquinho, também do Uberlândia Esporte Clube e na terceira posição ficara Toniquinho, do Fluminense Futebol Clube.<sup>179</sup>

O ano finalizara sem grandes novidades e notícias. Com o fim do campeonato cidadão, o futebol do Praia Clube volta com mais vigor as manchetes. Somente no final do mês natalino que o Uberlândia Esporte Clube volta a ser notícia. Visitou a cidade de Uberaba, jogou contra o rival regional em duas partidas, sendo a última uma partida para entrar no esquecimento, derrota por 6x0<sup>180</sup>.

---

<sup>177</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 02 de Setembro de 1945. n.1728. Ano IX. p.4.

<sup>178</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 06 de Novembro de 1945. n.1761. Ano IX. p.2.

<sup>179</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 07 de Novembro de 1945. n.1762. Ano IX. p.3.

<sup>180</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA, 27 de Dezembro de 1945. n.1803. Ano IX. p.4.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como aconteceu com muitas cidades do Brasil, o futebol em Uberlândia chegou pelas mãos de pessoas de classe mais abastada, e a primeira bola e instrumentos possivelmente apareceram pelo contato com o colégio religioso dos diocesanos em Uberaba. A partir de então, o futebol virou uma atividade recorrente entre as oportunidades de lazer do cidadão de Uberabinha e posteriormente Uberlândia. Os órgãos da imprensa local apresentam claramente que os participantes do esporte bretão eram filhos da elite econômica e política local. Foi justamente uma contenda política que aconteceu a criação de uma equipe que seria a principal na futebol da cidade, o Uberlândia Esporte Clube. Em torno da equipe do Uberlândia orbitou nomes importantes da elite local, como Tito Teixeira e Agenor Bino.

Com a popularização do futebol várias outras equipes foram formadas em Uberlândia, mas foi a partir dos anos 30 que surgiram mais equipes na cidade, o que levou a necessidade da organização de uma Liga de Futebol local, acontecendo de fato em 1939, a LUFA. Foi nesse período que percebemos que houve uma participação de indivíduos locais de baixa renda jogando em clubes de futebol. Foi também a partir do final da década de 30 que surgem grandes equipes ligadas a empresários e comerciantes locais. Infelizmente alguns agentes dessas equipes são completamente invisíveis. O futebol amador em Uberlândia foi cercado de embates dentro e fora de campo, desde o embate que gerou o Uberlândia Esporte Clube até embates para a (re)fundação da Liga Uberlandense de Futebol.

Nesse espaço de tempo a cidade de Uberlândia observa o nascimento de novas vilas. Com o nascimento dessas novas vilas veio o aumento demográfico e conseqüentemente uma necessidade da população local desfrutar de momentos de lazer. Foi a partir de 1937 que notamos a participação incisiva da elite política no lazer e diversão dos habitantes locais e criando, apoiando e fiscalizando ligas não somente de esportes como de dimensões nacionais como o futebol já alcançara naquele momento, mas também atividades como a malha e o truco; tudo isso com um claro caráter disciplinizador dos habitantes. Nesse período acontecesse também o surgimento de novas equipes de futebol. Equipes essas ligadas ao comércio local, como a equipe do Mundo Elegante Futebol Clube e o Comercial Futebol Clube, equipes ligados ao mundo colegial, como a Associação Ginásiana Esportiva e Cultural e Associação Ginásiana Brasil Central e ligado a grande indústria, como exemplo a Equipe do Sal Tropeiro Futebol Clube; tudo isso ligado a equipes já formadas em comunidades “bairristas”, como o Fluminense Futebol Clube e o Flamengo Futebol Clube e tudo isso

envolvendo a participação de agentes ligados a vida política e econômica da cidade; agentes de vida dupla, com um pé na sociedade civil e um pé na política local, assim como Boulanger Fonseca e Salim Suaid.

Infelizmente, há uma escassez de documentos para descrevermos melhor a gênese da Liga Uberlândense de Futebol, mas continuaremos “garimpando” material para que se possível, em trabalhos futuros virmos abordar novos rumos, caminhos, rupturas e estratégias da LUF, contando a história daquela que possivelmente seja uma das melhores ligas de futebol amador do Brasil.

## 7. FONTES

- 1 – Jornal Correio de Uberlândia – Acervo Arquivo Público de Uberlândia – ArPU.
- 2 – Jornal Lavoura e Comércio – Acervo Digital Arquivo Público de Uberaba – APU.
- 3 - Jornal O Estado de Goyaz – Acervo Digital da Homeroteca da Biblioteca Nacional – RJ.
- 4 – Jornal A Tribuna – Acervo Digital da Homeroteca da Biblioteca Nacional – RJ.
- 5 – Imagens – Acervo João Quituba – CDHIS/UFU.
- 6 - Imagens – Acervo Arquivo Público Mineiro – APM.
- 7 – Imagens – Acervo Arquivo Público de Uberlândia – ArPU.
- 8 – Imagens - Acervo Digital do Arquivo Pró Memória Hans Nobilin – Disponível em: <http://www.ecp.org.br/institucional/o-clube/centro-pro-memoria-hans-nobiling/historia/>
- 9 Imagens – Comunidade Histórias de Uberlândia – Disponível em: < <https://www.facebook.com/História-De-Uberlândia-487762004620535/photos>>
- 10 Filme: Uberlândia – Cidade Menina. – Disponível em: <<http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/uberlandia-cidade-menina-2/>>   
[https://www.youtube.com/watch?v=QCsyKx\\_I5j0&t=816s](https://www.youtube.com/watch?v=QCsyKx_I5j0&t=816s)
- 11 – Livro – FERREIRA, Odival. *Uberlândia Esporte Clube: A história e seus personagens*. Uberlândia: Assis Editora, 2015. 384p.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde de. *A República Cristã: Fé, Ordem e Progresso*. In: HOMEM, Amadeu Carvalho, SILVA, Armando Malheiro da. ISAÍÁ, Artur César. *Progresso e Religião – a República no Brasil e em Portugal 1889-1910*. Coimbra: UC – Uberlândia: EDUFU, 2007. 492p.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *O Futebol nas Fábricas*. In: Revista USP: Dossiê Futebol, n.22, p.102 – 109. São Paulo. Ago/1994.

CALDAS, Waldenyr. *Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro*. In: Revista USP: Dossiê Futebol, n.22, p.40-49. São Paulo. Ago/1994.

CALVO, Célia Rocha. *Cultura e Cidade: Uberlândia, espaços, memórias e vivências*. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosângela. (Orgs.). *Histórias & Historiografia: Perspectivas contemporâneas de investigação*. Uberlândia: EDUFU, 2003. 448p.

CAPINUSSÚ, José Maurício. *A linguagem do futebol*. São Paulo: IBRASA, 1988. 136p.

DAOLIO, Jocimar. *As contradições do futebol brasileiro*. In: CARRANO, Paulo César R.. *Futebol: Paixão e Política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 160p.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005. 150p.

DÂNGELO, Newton. *Aquele povo feliz que ainda sonhava com a invenção do rádio: Cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana – Uberlândia – 1900 – 1940*. Uberlândia: EDUFU, 2005. 104p.

\_\_\_\_\_. *Vozes da Cidade: Rádio e Cultura Popular Urbana em Uberlândia MG-1939/1970*. Uberlândia: EDUFU, 2012. 182p.

DANTAS, Sandra Mara. *De Uberabinha a Uberlândia: Os matizes de um projeto de construção da Cidade Jardim (1900-1950)*. In: BRITO, Diogo de Souza; WARPECHOWSKI, Eduardo Moraes. *Uberlândia Revisitada: Memória, Cultura e Sociedade*. Uberlândia: EDUFU, 2008. 472p.

DIAS, Cléber. *Os primórdios do futebol em Goiás, 1907 – 1936*. Revista História Regional, n.18, p.31-61, 2013.

FERREIRA, Fernando da Costa. *Futebol de Classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX*. Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes, n.90, p.00-00, Buenos Aires. Nov.2005.

FERREIRA, Odival. *Uberlândia Esporte Clube: A história e seus personagens*. Uberlândia: Assis Editora, 2015. 384p.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Tradução: Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: LP&M, 2015. 256p.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. 248p.

GUTERMAN, Marcos. *O Futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2014. 272p.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. Tradução: João Paulo Monteiro, Revisão de Tradução: Newton Cunha. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. 296p.

KANITZ, Roberto Camargo Malcher. *O Futebol como distintivo de classe: O caso de Vitor Serpa em Belo Horizonte e outras indagações*. Arquivos em Movimento. Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.39-53, Jul/Dez 2018.

MACHADO, Igor José de Renó. *Futebol, Clãs e Nação*. Dados, v.43, n.1. p.00-00. 2000.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Histórias do Futebol*. Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010. 192p.

MANHÃES, Dias Eduardo. *Política de Esportes no Brasil*. 2ªed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 260p.

MÁRIO FILHO. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, 5ª ed. 2010. 344p.

MARTIN, Lucas Ferreira; VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. *Torneio Início Mineiro de 1983: A conquista esquecida do Uberlândia Esporte Clube na cobertura esportiva do título da Taça CBF*. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Rio de Janeiro, Ago/2015.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *Victor Serpa e a “Mania do Foot-Ball”*: O Mito Fundador do Esporte Bretão na Cidade de Belo Horizonte/MG. PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review. São Paulo, v.3, n.1. Janeiro/Junho, 2014.

MELO, Victor Andrade de. *Futebol: que história é essa?!*. In: CARRANO, Paulo César R.. *Futebol: Paixão e Política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 160p.

MESQUITA, Adailson Pinheiro; SILVA, Hermiton Quirino da. *As Linhas do Tecido Urbano: O sistema de transporte e a evolução urbana de Uberlândia-MG*. Uberlândia: Roma, 2006. 234p.

MOURA, Geresa Gonçalves, SOARES, Beatriz Ribeiro. *A Periferia de Uberlândia/MG: da sua origem até a sua expansão nos anos 90*. Caminhos da Geografia: Uberlândia, v.10, n.32, p.22-40, Dez/2009.

RAMOS, Roberto. *Futebol: Ideologia do Poder*. Petrópolis: Vozes, 1984. 116p.

RETONDAR, Jeferson José Moebus. *Teoria do jogo: A dimensão lúdica da existência humana*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 96p.

RIBEIRO. Luiz Carlos. *Futebol: Por uma História Política da Paixão Nacional*. Revista História: Questões & Debates, Curitiba, n.57, p.15-43. Jul/Dez. 2012.

SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do Jogo - Primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 120p.

- SILVA, Antônio Pereira. *As Histórias de Uberlândia – Volume 1*. [s.l.]: [s.n.], [20--?]. 194p.
- \_\_\_\_\_. *Uberlândia na linha do tempo: a história de Uberlândia por suas datas mais importantes*. Uberlândia: [s.n.], 2015. 170p.
- \_\_\_\_\_. *Velhos Italianos de Uberabinha*. Uberlândia: Iconography, [199-?]. 112p.
- SOARES, Beatriz Ribeiro. *Estruturação interna e a construção dos signos de modernidade da Cidade Jardim*. In: BRITO, Diogo de Souza; WARPECHOWSKI, Eduardo Moraes. *Uberlândia Revisitada: Memória, Cultura e Sociedade*. Uberlândia: EDUFU, 2008. 472p.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Transgressão e violência entre torcedores de futebol*. Revista USP, Dossiê Futebol, n.22, p.93-101. São Paulo. Ago/1994.
- WITTER, José Sebastião. *Futebol: Um fenômeno universal do século XX*. Revista USP, São Paulo, n.58, p.161-168, junho/agosto 2003.